

**PARA DAR A CONHECER
AS LITERATURAS AFRICANAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA INFÂNCIA
PUBLICADAS NO BRASIL:
RESENHAS**



**ELIANE DEBUS
ZÂMBIA OSÓRIO DOS SANTOS
TATIANA VALENTIN MINA BERNARDES**
Organizadoras

ELIANE DEBUS
ZÂMBIA OSÓRIO DOS SANTOS
TATIANA VALENTIN MINA BERNARDES
Organizadoras

**PARA DAR A CONHECER
AS LITERATURAS AFRICANAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA INFÂNCIA
PUBLICADAS NO BRASIL:
RESENHAS**



2022

Expediente

© Editora Cruz e Sousa

Coordenação editorial: Fábio Garcia

Equipe técnica:

Projeto gráfico e diagramação: Andrei Cavalheiro

Revisão textual: Ana Carolina Ostetto

Foto da Capa: Mudungaze

Título da Obra: Danyella Mandlate | Filha

Ano: 2018 Técnica: reciclagem 34x28x11 cm

Conselho Editorial:

José Bento Rosa da Silva (UFPE)

Fábio Machado Pinto (UFPEL)

Maurício Pestana (Revista Raça)

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Alzemi Machado - CRB 14/677

P221

Para dar a conhecer as literaturas africanas de língua portuguesa para infância publicadas no Brasil: resenhas / Organização de Eliane Debus; Zambia Osório dos Santos; Tatiana Valentin Mina Bernardes. _Florianópolis : Cruz e Sousa, 2022.

132 p.; 16 x 21 cm.

ISBN: 978-65-85042-01-7

1. Literatura Africana – Resenhas. 2. Literatura Africana – Infância. I. Debus, Eliane. II. Santos, Zambia Osório dos. III. Bernardes, Tatiana Valentin Mina.

CDD 899

Esta obra foi produzida conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2012.

Direitos desta edição reservados à Editora Cruz e Sousa. Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia da editora.

Produção: Editora Cruz e Sousa

CNPJ: 31.806.126/0001-81

Servidão Leandro Manoel de Aguiar, 186, Rio Vermelho – Florianópolis. CEP: 88060-218

Telefone: (48) 98500-9692

E-mail: contatoeditoracs@hotmail.com

www.editoracruzousa.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ANGOLA	9
DA BUSCA PELAS CORES NASCE UMA REALEZA <i>Maria Laura Pozzobon Spengler</i>	10
O HERDEIRO DA VENTANIA <i>Tatiana Valentin Mina Bernardes</i>	12
SONHAR E SER CRIANÇA: NWETI E O MAR <i>Maria Paula Cavalcanti Carvalho</i>	14
O PODER POPULAR EM UMA FÁBULA <i>Cláudia Teles da Silva</i>	17
ENTRE O CÉU E A TERRA, UM MAR A NOS DAR VIDA, OU NÃO!!! <i>Simoni Conceição Rodrigues Claudino</i>	19
A ÁRVORE DOS GINGONGOS <i>Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez</i>	21
MEMÓRIA QUE CONTA O CONTO KALIMBA <i>Maria Aparecida Rita Moreira</i>	23
BRASIL E ANGOLA – ANGOLA E BRASIL: KAMBAS PARA SEMPRE! <i>Maria Aparecida Rita Moreira</i>	26
O VOO DO GOLFINHO: UMA HISTÓRIA SOBRE TRANSFORMAÇÃO <i>Caroline Machado</i>	30
QUANDO A AUSÊNCIA DA LUZ É AFETO E TERNURA <i>Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira</i>	32

YNARI, UMA HISTÓRIA CONTADA POR TRANÇAS <i>Maria Laura Pozzobon Spengler</i>	35
UMA BICICLETA PARA DAR VIDA ÀS BOAS HISTÓRIAS <i>Maria Laura Pozzobon Spengler</i>	37
AS VICISSITUDES DA BIODIVERSIDADE AFRICANA: O LEÃO E O COELHO SALTITÃO <i>Maria Paula Cavalcanti Carvalho</i>	39
A DEUSA DAS CHUVAS <i>Tatiana Valentin Mina Bernardes</i>	42
O MENINO NGUNGA E A SUA GUERRA PELA VIDA <i>Ana Karina Corrêa Hoeller</i>	43
DE TRAVESSIAS E DE ARCO-ÍRIS <i>Tatiana Valentin Mina Bernardes</i>	45
A CAÇADA REAL DE ZETHO CUNHA GONÇALVES <i>Elika da Silva</i>	46
UMA NARRATIVA DE VENTO PARA CELEBRAR A ANCESTRALIDADE <i>Maria Laura Pozzobon Spengler</i>	49
NAS BRINCADEIRAS, DESCOBERTA E REDESCOBERTAS DO MUNDO <i>Simoni Conceição Rodrigues Claudino</i>	51
CABO VERDE	53
AI, SE UM DIA... ENTRE TELAS E DESEJOS <i>Zâmbia Osório dos Santos</i>	54
GUINÉ-BISSAU	57
LÁGRIMAS PARA ENFEITAR O MUNDO <i>Waleska Regina Becker Coelho De Francesch</i>	58

MOÇAMBIQUE	63
A HUMANIDADE DOS CROCODILOS EM ALDEIA DOS CROCODILOS <i>Milena Batista Bráz e Eliane Debus</i>	64
DAS MUITAS HISTÓRIAS DE MOÇAMBIQUE POR ALEX DAU <i>Zâmbia Osório dos Santos</i>	69
MWIDJA E O MARIDO QUE SE TRANSFORMOU EM HIENA <i>Milena Batista Bráz e Eliane Debus</i>	71
O RESPEITO AO OUTRO EM O CAÇADOR DE OSSOS, DE CARLOS SANTOS E EMANUEL LIPANGA <i>Milena Batista Bráz e Eliane Debus</i>	76
OLHO POR OLHO, PRESA POR PRESA <i>Milena Batista Bráz, Gabriela dos Santos e Eliane Debus</i>	79
LEONA E O INUSITADO AMOR PELO PASTORINHO <i>Suelen Amorim Ferreira, Milena Batista Bráz e Eliane Debus</i>	81
A INADIÁVEL REINVENÇÃO DA PALAVRA <i>Waleska Regina Becker Coelho De Franceschi</i>	85
UM BEIJO AO MAR PARA CONHECER O INFINITO <i>Maria Laura Pozzobon Spengler</i>	88
QUANDO UMA HISTÓRIA TEM DOIS PROTAGONISTAS: O GATO E O ESCURO <i>Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira</i>	90
A ÁGUA E A ÁGUIA, UMA HISTÓRIA SOBRE A CALIGRAFIA DA VIDA <i>Caroline Machado</i>	94
A MORADA DA MEMÓRIA EM PÁTIO DAS SOMBRAS, DE MIA COUTO <i>Etelvino Manuel Raul Guila, Milena Batista Bráz e Eliane Debus</i>	97

ENTRE O QUE TEMOS E O QUE SOMOS: TENTA DE PAULINA CHIZIANE <i>Zâmbia Osório dos Santos</i>	103
KANOVA E O SEGREDO DA CAVEIRA, UMA RELEITURA DA TRADIÇÃO <i>Milena Batista Bráz, Waleska Regina Becker Coelho De Franceschi e Eliane Debus</i>	106
WAZI, DE MENINO CAÇADOR A XITUKULUMUKHÚMBA <i>Milena Batista Bráz, Eliane Debus e Tatiana Valentin Mina Bernardes</i>	109
A JORNADA DE INAYA NA BUSCA PELOS SEUS IRMÃOS <i>Zâmbia Osório dos Santos, Milena Batista Bráz e Eliane Debus</i>	115
A ORIGEM DA MENTIRA NO MUNDO <i>Fernanda Costa e Souza, Milena Batista Bráz e Eliane Debus</i>	120
SOBRE AS/OS AUTORAS/ES	123

APRESENTAÇÃO

O livro *Para dar a conhecer as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa para infância publicadas no Brasil: resenhas* dialoga com a pesquisa “De lá para cá: as Literaturas Africanas de língua portuguesa para infância publicadas no Brasil no período de 2013 a 2018”, acolhida na chamada pública do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, edital Chamada Universal MCTIC/CNPq nº 28/2018, que teve como objetivo geral analisar os livros de literaturas africanas de língua portuguesa para infância publicados pelo mercado editorial brasileiro, no período citado, a fim de estudar a sua produção (principais gêneros, recursos lexicais e semânticos), a circulação (principais editoras e entrada nos espaços escolares e não escolares) e recepção (ação pedagógica em dois espaços institucionais públicos: Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental).

As resenhas fazem parte de um exercício de escrita das/os membras/os do “Literalise: Grupo de pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de mediação Literária” (UFSC/CNPq).

Encontram-se resenhados o total de 36 livros, sendo 18 de Angola, 16 de Moçambique, 1 de Cabo Verde e 1 de Guiné-Bissau, identificados no quadro na ordem de apresentação.

QUADRO 1: LIVROS RESENHADOS

NOME DO AUTOR	NACIONALIDADE	TÍTULO DO LIVRO	EDITORIA	ANO DE PUBLICAÇÃO
AGUALUSA, José Eduardo	Angola	<i>A rainha do Estapafúrdio</i>	Melhoramentos	2016
AGUALUSA, José Eduardo	Angola	<i>O Filho do Vento</i>	Língua Geral	2006
AGUALUSA, José Eduardo	Angola	<i>Nweti e o Mar: exercícios para sonhar sereias</i>	Griphus	2012
VIEIRA, José Luandino	Angolano	<i>Kaxinjengele e o poder: uma fábula angolana</i>	Pallas	2012
VIEIRA, José Luandino	Angolano	<i>Kaputu Kinjila e o sócio dele, Kambaxi Kíxí</i>	Melhoramentos	2013
FERNANDES, Maria Celestina	Angolana	<i>A árvore dos Gingongos</i>	DCL	2009
FERNANDES, Maria Celestina	Angolana	<i>Kalimba</i>	Kapulana	2015
FERNANDES, Maria Celestina	Angolana	<i>A árvore dos Gingongos</i>	DCL	2009

FERNANDES, Maria Celestina	Angolana	<i>Kamba para sempre</i>	Kapulana	2017
ONDJAKI	Angolano	<i>O voo do golfinho</i>	Companhia das Letrinhas	2012
ONDJAKI	Angolano	<i>Uma escuridão bonita</i>	Pallas	2013
ONDJAKI	Angolano	<i>Ynari: a menina das cinco tranças</i>	Companhia das Letrinhas	2010
ONDJAKI	Angolano	<i>A bicicleta que tinha bigodes</i>	Pallas	2012
ONDJAKI	Angolano	<i>Ombela a origem das chuvas</i>	Pallas Mini	2014
PEPETELA	Angola	<i>As Aventuras de Ngunga</i>	Dom Quixote	2002
GONÇALVES, Zetho Cunha	Angolano	<i>Debaixo do arco-íris não passa ninguém</i>	Língua Geral	2006
GONÇALVES, Zetho Cunha	Angolano	<i>A caçada real</i>	Matrix	2011
GONÇALVES, Zetho Cunha	Angolano	<i>A vassoura do ar encantado</i>	Pallas	2012
GONÇALVES, Zetho Cunha	Angolano	<i>Brincando, brincando não tem macaco troglodita</i>	Matrix	2011
DUARTE, Vera	Cabo Verde	<i>Ai, se um dia ...</i>	Nandyala	2019
BANORI, Eliseu	Guiné-Bissau	<i>A história que minha mãe não me contou e outras histórias da Guiné-Bissau</i>	Nandyala	2020
TIMOTÉO, Adelino	Moçambique	<i>Na aldeia dos crocodilos</i>	Kapulana	2011
DAUX, Alex	Moçambique	<i>O galo que não cantou e outras histórias de Moçambique</i>	Nandyala	2019
DUNDURO, Alexandre	Moçambique	<i>O casamento misterioso de Mwidja</i>	Kapulana	2017
SANTOS, Carlos	Moçambique	<i>O caçador de ossos</i>	Kapulana	2017
FAIFE, Hélder	Moçambique	<i>As armadilhas da Floresta</i>	Kapulana	2016
PANGUANA, Marcelo	Moçambique	<i>Leona, a filha do silêncio</i>	Kapulana	2018
BRITO, Mauro	Moçambique	<i>O luminoso voo das palavras</i>	Katarina Kartoner	2019
COUTO, Mia	Moçambique	<i>O Beijo da Palavrinha</i>	Língua Geral	2016
COUTO, Mia	Moçambique	<i>O gato e o escuto</i>	Companhia das Letrinhas	2008
COUTO, Mia	Moçambique	<i>A água e a água</i>		2018
COUTO, Mia	Moçambique	<i>O pátio das Sombras</i>	Kapulana	2018
CHIZIANE, Paulina	Moçambique	<i>Tenta</i>	Nandyala	2018
LOPES, Pedro Pereira	Moçambique	<i>Kanova e o segredo da caveira</i>	Kapulana	2017
MANJATE, Rogério	Moçambique	<i>Wazi</i>	Kapulana	2017
PINTO, Tatiana	Moçambique	<i>A viagem</i>	Kapulana	2016
KHOSA, Ungulani Ba Ka	Moçambique	<i>O rei Mocho</i>	Kapulana	2016

Desejamos que esta publicação possa contribuir para um maior conhecimento do que temos publicado no mercado editorial brasileiro sobre as Literaturas Africanas de língua portuguesa para infância e que os livros aqui elencados possam chegar a todas/os leitores/as!

Boa leitura!

Eliane Debus
Zâmbia Osório dos Santos
Tatiana Valentin Mina Bernardes
Organizadoras



BRASIL

ANGOLA

DA BUSCA PELAS CORES NASCE UMA REALEZA

Maria Laura Pozzobon Spengler

O livro *A Rainha dos Estapafúrdios* (2016) foi escrito por José Eduardo Agualusa e ilustrado pela artista canadense e residente em Portugal Danuta Wojciechowska, teve a chancela da editora Melhoramentos possui 32 páginas, formato brochura, de 24 centímetros por 24 centímetros.

A protagonista da narrativa é Ana, uma pequena fêmea perdigota, que logo será uma perdiz, mas ainda jovem não tem as penas coloridas como os pais e os irmãos mais velhos: “Ana não se conformava por ver os pais, os irmãos e os primos mais velhos enfeitados em belas penas, enquanto ela era forçada a vestir o mesmo casaco cinzento e sem graça dia após dia” (AGUALUSA, 2016, p. 12). Assim, ela mergulha em um arco-íris, onde a pequena colore seu corpo. Ao fechar os olhos “[...] lançou-se de cabeça para o meio do jorro de cores” (AGUALUSA, 2016, p. 13), e quando abriu os olhos “[...] havia se transformado num pequeno arco-íris saltitante” (AGUALUSA, 2016, p. 13) e, para a pequena, “Era como acordar dentro de um sonho. Não um sonho qualquer. O sonho de um pirilampo, que é um bicho muito iluminado” (AGUALUSA, 2016, p. 13). No entanto, isso lhe traz um grande problema, suas novas penas coloridíssimas são arrancadas uma a uma quando retorna ao ninho, quando

Os pássaros começaram então a atirar paus e pedras e o que mais estivesse ao bico. Ana recuou, atrapalhada, tropeçando nas próprias patas. Vendo-a fugir, os outros logo se encheram de coragem e avançaram contra ela, arrancando-lhe com ferozes bicadas as belas penas coloridas. (AGUALUSA, 2016, p. 15).

Frustrada, e longe de casa, desamparada em meio a animais selvagens, encontra uma hiena e com ela faz um combinado: se matar um leão que amedronta a todos, ganhará as penas de um *otchimbamba*, pássaro conhecido como bacurau, que é impedido de voar por causa do tamanho de suas penas.

Assim, declarando-se como a Rainha dos Estapafúrdios, cujos escravos são hienas, jacarés e serpentes, Ana inventa uma história para assustar o leão, fazendo com que ele fuja, e a pequena perdigota, enfeitada com suas penas de *otchimbamba*, passa a reinar em uma savana ao sul da África, cavalgando nas costas de hienas, tomando chá com jacarés e jogando cartas com jiboias, “[...] respeitada e venerada por todas as feras” (AGUALUSA, 2016, p. 28).

É pelas mãos da ilustradora Danuta Wojciechowska que a narrativa ganha as cores que ora ocupam grande espaço nas páginas duplas, ora ocupam apenas uma das páginas, que são demarcadas por apenas algum elemento importante da história.

Desde as guardas do livro, as características marcantes do traço de Danuta são apresentadas, desenhos de cores vibrantes e elementos gráficos africanos, como: o pássaro *Sankofa*, na ilustração das páginas 14 e 15, conhecido ideograma dos povos da África Ocidental, cuja característica é ter a cabeça voltada para trás, reconhecido como a representação do retorno ao passado para dar significado ao presente e construir o futuro; ou, ainda, a imagem de uma grande árvore Baobá nas páginas 17 e 21, característica da vegetação africana.

REFERÊNCIA

AGUALUSA, José Eduardo. *A Rainha dos Estapafúrdios*. Ilustração Danuta Wojciechowska. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

O HERDEIRO DA VENTANIA

Tatiana Valentin Mina Bernardes

O livro *Filho do vento* (2016), escrito por José Eduardo Agualusa (2016) e ilustrado por Antônio Ole, faz parte da Coleção Mama África, da editora Língua Geral. Inspirado em um conto tradicional dos povos Koi-san, considerados os primeiros habitantes da terra, época em que os animais e os elementos da natureza eram seres humanos; a história é narrada pelo Filho do Vento, Kuan-Kuan Gau-Gaubu-Ti.

Pelo viés da ancestralidade a narrativa traz que antigamente o Filho do Vento tinha a forma de um menino e quem pronunciasse o seu nome em voz alta poderia gerar um forte vento. Certa vez, um menino pronunciou aos gritos *Kuan-Kuan Gau-Gaubu-Ti*, causando um grande redemoinho que devastou a aldeia. O filho do vento sentiu-se envergonhado pelo estrago que causou, virou um pássaro e passou a voar pelo céu do povoado. Um dia, ele encontra com uma linda mulher, que o encanta e lhe ensina a gostar de si do jeito que é. Ela tinha um sonho: morar entre as estrelas. Assim, pede a Kuan-Kuan Gau-Gaubu-Ti para ir morar com ele. Com o pedido atendido, os dois rumam em direção ao céu e, no mesmo instante, a mulher transforma-se em Lua.

As ilustrações apresentam desenhos bem coloridos, predominando cores fortes, como o vermelho, azul e amarelo, laranja, e a técnica utilizada é guahe sobre o papel.

Segundo Eliane Debus (2017, p.33), [...] os títulos que circulam atualmente no mercado editorial brasileiro estão divididos em três grandes categorias: 1) Literatura que tematiza as culturas Africanas e Afro-brasileira; 2) Literatura Afro-brasileira; e 3) Literaturas Africanas”. No caso, o livro *O filho do vento* entra na categoria literaturas africanas, que, conforme Debus (2017), são aquelas de autoria africana e se configura como Literatura Africana de Língua

Portuguesa, demarcado pelo país de origem: Angola.

O título apresenta um conto tradicional de Angola e proporciona ao leitor o conhecimento e o reconhecimento da cultura angolana.

REFERÊNCIA

AGUALUSA, José Eduardo. *O filho do vento*. Ilustrações de António Ole. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura Africana e Afro-brasileira na Literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2017.

SONHAR E SER CRIANÇA: *NWETI E O MAR*

Maria Paula Cavalcanti Carvalho

O livro *Nweti e o mar* (2012) tem texto e fotografias do escritor e jornalista José Eduardo Agualusa e foi publicado pela Editora Gryphus, totalizando 34 páginas, que contemplam simultaneamente, palavra e fotografias. A história aprofunda-se no imaginário infantil de uma criança de seis anos de idade, a Nweti, que durante suas férias vive muitos momentos mágicos no mar e sonha que é sereia.

O livro revela a beleza do universo infantil no que envolve o seu imaginário e pincela com leveza e amor aos olhos do pai de Nweti uma infância marcada pelas possibilidades de sonhar. Uma característica marcante que gera reflexão é o incentivo que o pai dá às histórias e à imaginação de sua filha, permitindo que tenha uma infância atrelada à capacidade de sonhar e de ser criança.

O início da história aborda o longo mês de férias da pequena Nweti e traz a descrição de um sonho inusitado que a mesma teve com uma menina nadando entre golfinhos, que seria ela própria. O autor relata a festa de aniversário de Nweti junto às suas amigas, demonstrando uma infância leve e alegre.

Agualusa (2012, p. 12) traz com encanto a fala de Nweti, quando diz em certo dia que sua almofada cheirava a mar, e descreve sua recepção afetiva do pai às falas da filha: “Curioso, cheira mesmo. Cheira a férias. Queria que a minha almofada cheirasse sempre assim” (AGUALUSA, 2012, p.12). É perceptível durante toda a narrativa como o pai, por meio de seu comportamento, corresponde às expectativas dos sonhos de sua filha, cercandolhe de um ambiente acolhedor e de afeto. Nweti é uma criança negra, de olhos pretos e cabelos cacheados e sua beleza é evidenciada nas fotografias que seu pai registrou.

Posteriormente, na narrativa, aparece o melhor amigo de Nweti: o caranguejo Eustáquio, que se comunica com a menina em seus sonhos. A partir desse momento, o pai afirma que gostaria de viver dentro dos seus sonhos e Nweti dá a seguinte resposta: “Não te quero dentro dos meus sonhos, pai. Os meus sonhos são privados” (AGUALUSA, 2012, p. 14). Essa afirmação da pequena provoca no leitor a reflexão de que ser criança não cabe na palavra ingenuidade, já que ela transcende o significado de ser ingênuo. Nesse sentido, pode-se fazer aqui a problematização de que a criança é autora no mundo, concomitante, é um ser que estabelece a sua própria cultura da infância a partir da maneira peculiar que se comporta como um ser que tem seus próprios desejos e é dotado de uma capacidade imaginativa aguçada.

A história também aponta para como todos os sonhos são possíveis na infância, pois Nweti sonhava em ser sereia e quando dormia se via como tal, contemplando a passagem de uma família de baleias ou de um transatlântico iluminado. Sobre isso, o narrador destaca: “Numa outra manhã despertou com uma pequena ferida na mão esquerda. Havia sonhado que se cortara numa rocha. Não disse nada aos pais. Eles não compreenderiam aquilo. Os adultos não levam os sonhos a sério” (AGUALUSA, 2012, p. 22). Nessa passagem, é perceptível que sua postura é a de um adulto que carrega uma criança viva dentro de si e que também sonha e acredita nas belezas da infância.

Durante as suas férias, Nweti demonstra que é uma criança muito ligada à natureza e que se encanta com suas características. Como toda criança, a menina gosta de correr, explorar os espaços, descobrir algo novo e, ao mesmo tempo, é feliz sem a necessidade do mundo tecnológico, diferentemente de muitas crianças de hoje. Em certo momento, destaca-se que Nweti é a lua que numa certa manhã se encontrou com o luar que lhe disse: “Se existimos nos teus sonhos, então existimos realmente. Existimos enquanto tu dormes. Aliás, tudo

o que existe nos sonhos existe em algum lado” (AGUALUSA, 2012, p. 31). Quando o autor traz essa descrição faz subentender que retrata a história de Nweti com as lentes dos olhos de uma criança, ou seja, como se ele também fosse uma criança.

Há algumas nuances da história em que é possível entender que a mãe de Nweti é um adulto que não tem o mesmo olhar pulsante e encantado que o pai tem pela infância da filha. Agualusa, inclusive, traz uma fala da mãe que diz para Nweti que, às vezes, pensa que a menina sofre de excesso de imaginação, enquanto o pai, ao contrário, diz que “A imaginação nunca é demais. A imaginação transforma o mundo” (AGUALUSA, 2012, p. 30), mostrando que este o adulto que acredita nos sonhos de criança e que também sonha como elas.

O livro convida o leitor a acessar os seus sonhos de infância e acreditar neles, além disso, convoca os adultos a se conectarem com a sua criança interior.

REFERÊNCIA

AGUALUSA, José Eduardo. *Nweti e o mar*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2012.

O PODER POPULAR EM UMA FÁBULA

Cláudia Teles da Silva

José Vieira Mateus da Graça nasceu em 1935, na Vila Nova de Ourém, em Portugal, mas ainda com pouca idade, no ano de 1938, emigrou com a sua família para uma colônia Portuguesa em Angola. Ali cresceu em meio às lutas pela independência de Angola, as quais se envolveu inteiramente, fazendo parte do Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA). Sua formação letrada se fez pelos estudos primários e secundários que realizou em Luanda, maior cidade e capital de Angola. O país costeia o Oceano Atlântico e foi homenageada pelo escritor em sua carreira literária, na qual faz uso do pseudônimo José Luandino Vieira, para assinar suas obras.

Luandino Vieira, como corriqueiramente é referenciado, ficou preso por mais de uma década em Angola devido ao seu engajamento político com o MPLA. Grande parte de suas obras foram escritas ainda na prisão. Superando os limites do cárcere, tornou-se um escritor de muitos prêmios da literatura angolana e também daquela portuguesa. Em 2006, por motivo que alega ser pessoal, recusou o Prêmio Camões.

O escritor é membro fundador da União dos Escritores Angolanos e numa entrevista a um documentário (RODRIGUES, 2020), em 2014, ressalta que seu desejo, em meio às contradições políticas que vivia, foi “utilizar a linguagem popular da zona cultural de Luanda, o português utilizado pelas camadas populares desta zona cultural para tentar construir uma linguagem literária. Vamos falar assim, como dizíamos na altura, utilizar a linguagem do povo para elevar a um nível literário, estético”.

No livro *Kaxinjengele e o Poder: uma fábula angolana*, tanto o texto como a ilustração são de autoria de José Luandino Vieira. Uma pequena fábula de origem angolana que, numa narrativa em prosa, coloca em cena a eleição de Kaxinjengele. Sobre as folhas coloridas, as

ilustrações com formas abstratas simbolizam os três personagens principais da história: Kaxinjengele, o povo e as insígnias.

Ao chegar o dia marcado para a votação da escolha do governante, o povo demonstra seu interesse em eleger Kaxinjengele para governar. No entanto, para a realização do sufrágio, ressaltam as indispensáveis insígnias para o ato de votar, sendo estas possuídas por significativa importância ao povo, pois trazem em seus símbolos a cultura, o trabalho e a luta histórica de uma comunidade.

Kaxinjengele, apressado com a votação, diz ao povo que dispensa a necessidade das insígnias, que para ele não seria preciso, desde que a votação seja logo, se dando ainda naquele momento e dia. O povo desconfia de tanta pressa demonstrada por Kaxinjengele, concluindo, por fim, que um homem assim apressado não é capaz de governar e vai logo dizendo: “com ‘hoje e mais hoje’ perdeste, Kaxinjengele, o poder!”.

Uma narrativa contada em poucas páginas e palavras, que encanta justamente por sua capacidade criativa de oferecer uma prosa divertida sobre questões políticas e culturais de um povo. É de maneira brincante que o escritor coloca em cena o valor do poder popular, pauta que permeia sua trajetória de vida e a história do povo angolano, o qual se tornou livre da colonização portuguesa em 1975. Em seu hino, reformulado após a independência, Angola expressa seu desejo na frase que diz: “Angola, avante! Revolução, pelo Poder Popular!”.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, José Paz. José Luandino Vieira, importante escritor angolano. *Portal Galego da Língua*, Santiago de Compostela, 30 dez. 2020. Disponível em: <<https://pgl.gal/jose-luandino-vieira-importante-escriptor-angolano/>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

VIEIRA, José Luandino. *Kaxinjengele e o Poder, uma fábula angolana*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ENTRE O CÉU E A TERRA, UM MAR A NOS DAR VIDA, OU NÃO!!!

Simoni Conceição Rodrigues Claudino

O livro *Kaputu Kinjila e o sócio dele, Kambaxi Kiáxi*, de autoria de José Luandino Vieira, tem ilustrações de Marilia Pirillo e foi publicado no Brasil pela Editora Melhoramentos, com primeira edição datada de 2013.

A narrativa traz ao conhecimento do público infantil e juvenil uma fábula da Literatura angolana, com personagens típicos da cultura deste país: o cágado e o pássaro. Uma fábula que atravessa os mundos e que é conhecida em outros países, com personagens diferentes, como com a tartaruga e o pássaro.

Como paratexto se encontra em uma página uma pequena biografia do escritor e em outra página uma pequena biografia da ilustradora, embora pequenas, são instigantes, pois nos fazem querer conhecer um pouco mais dos autores do livro. Ilustrações alegres e coloridas, personagens com demarcações fortes em suas expressões corporais, compõem a visualidade da obra. As guardas retratam e anunciam cenas que aconteceram na história e permitem ao leitor pensar sobre a imensidão do mar e do céu.

O livro apresenta ficha catalográfica e tem todos os dados de edição na página dois; na página cinco, há uma dedicatória que se conecta com a biografia do escritor, em uma homenagem aos presos políticos angolanos do campo de concentração de Tarrafal. Há também um pequeno glossário com a inclusão de três palavras para o conhecimento do leitor, sendo que essas três palavras aparecem no decorrer de todo o texto escritas em negrito. A dificuldade encontrada pelo leitor é a de tentar entender a música cantada por Kambaxi Kiáxi ao final do enredo, pois não há glossário para as muitas expressões e

palavras usadas na cantiga. Ficamos por conta da imaginação e suposição na tentativa de entendimento da canção.

A história é apresentada ao leitor num ritmo narrativo com frases curtas e diálogos bem demarcados na escrita do texto, que traz, ao mesmo tempo, a temporalidade da proximidade ao iniciar a história com um “foi ontem”, dando a entender que aconteceu há pouco tempo; há um “amanhã” que nunca chega, que nunca acontece; e um “hoje” que é vivido todo dia do mesmo modo, até que algo acontece. Apresenta de modo bem pontual um enredo de relação entre o cágado e o pássaro e, como toda boa fábula, traz um ensinamento ao leitor. Ao terminar a história com um “tenho dito”, encaminha-nos para um encontro com os *griots* e seus conselhos, advertências e modos de ver a vida. É uma história encantadora, triste e real da vida, do mundo, das relações, dos acontecimentos.

REFERÊNCIA

VIEIRA, José Luandino. *Kaputu Kinjila e o sócio dele, Kambaxi Kiaxi*. Ilustrações de Marília Pirillo. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

A ÁRVORE DOS GINGONGOS

Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez

A *árvore dos gingongos* veio de outro continente, foi escrita pela angolana Maria Celestina Fernandes e ilustrada pelo brasileiro Jô Oliveira, publicado no Brasil pela editora DCL (Difusão cultural do Livro), no ano de 2009. A história dos gêmeos, considerados como seres especiais e denominados de “gingongos” é apresentada por um narrador que conta a trajetória da família de Nga Maria e Senhor Policarpo e seus nove filhos, com admiração especial pelos caçulas, gêmeos, chamados de caçulês na cultura local.

O conto discorre sobre a relação dos gêmeos e das demais familiares. A família protagonista é negra e evidencia os afazeres e costumes do seu povo, contribuindo para repensar sobre desigualdades, gentileza, costumes familiares e possibilidades de ações coletivas mais justas com todas as pessoas, respeitando a sua diversidade cultural e individual.

Essa Literatura destinada ao público infantil tematiza a cultura africana, afro-brasileira e a diversidade da língua portuguesa em diferentes países, reafirmando as questões de identidade, assim como consta nos estudos da pesquisadora Debus (2017, p.29), quando declara que “[...] se ler o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários, que apresentem personagens em diferentes contextos, [...] permite uma visão ampliada de mundo”.

Ao final do conto é apresentado um glossário com as palavras usadas que são comumente faladas na Angola, como “nga”, designação utilizada “[...] para chamar as senhoras, as mulheres mais velhas, conhecedoras das ruas e que viram os mais novos crescerem [...]” (FERNANDES, 2009, p.39), cooperando para conhecimento e ampliação do vocabulário pertencente aos diferentes povos.

A narrativa apresenta-se na dimensão palavra e imagem, com as imagens bem coloridas, traços e cores característicos da Angola, que contribuem para descrever um cotidiano regional, ajudando a contar a história. Dessa forma, o livro oportuniza vivenciar diferentes situações e emoções, além de identificar-se com elementos culturais e de pertencimento de grupos sociais, caracterizando-se por um instrumento de construção de ações que evidenciam uma identidade negra positivada.

REFERÊNCIA

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura Africana na Literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2017.

FERNANDES, Maria Celestina. *A árvore dos gingongos*. Ilustrações de Jô Oliveira. São Paulo: DCL, 2009.

MEMÓRIA QUE CONTA O CONTO

KALIMBA

Maria Aparecida Rita Moreira

O livro *Kalimba* (2015), escrito por Maria Celestina Fernandes e ilustrado por Brunna Mancuso, publicado pela editora Kapulana com 31 páginas. Apresenta uma falsa folha de rosto, cujo verso se encontra o mapa da América do Sul, destacando o Brasil, e o mapa do Continente Africano, ressaltando a Angola; separando e unindo os dois mapas está o Oceano Atlântico. O livro também apresenta um glossário com palavras de origem de línguas nativas angolanas, as quais aparecem escritas em cor verde; na penúltima página estão a biografia da escritora angolana e da ilustradora brasileira.

Maria Celestina, em entrevista ao site *Plano Crítico*, declara que *Kalimba* é a adaptação de um conto tradicional de Angola que ela conheceu há muito tempo e que retoma, a seu modo, identificando-o como um registro da Literatura oral angolana (AZEVEDO, 2017).

A narrativa é feita em terceira pessoa e o narrador, como um *griot*, traz uma história que se perde no tempo, de modo que nem mesmo o conselheiro, “[...] mais velhinho lá do leste de Angola, ali onde ela nasceu, tem conhecimento da época em que as coisas se passaram” (FERNANDES, 2015, p. 6). A partir dessa frase, somos remetidos ao caráter oral da narrativa.

O espaço no qual a narrativa se insere é marcado: província de Moxico, “[...] situada ao leste de Angola. A sua capital é a cidade de Luena” (FERNANDES, 2015, p. 29), conforme esclarecido no glossário anexo à obra, como antes referido.

A história contada é de Kalimba, descrita como um “[...] pássaro que tem o dorso e as asas cobertos de plumas cinzentas e, no peito, penas amarelas” (FERNANDES, 2015, p. 6). A ideia de que se trata de

uma narrativa perpetuada pela oralidade pode ser percebida quando o narrador nos leva para “um tempo longínquo”, linguagem que nos remete aos contos populares. A narrativa continua nesse sentido, descrevendo que se vivia uma grande seca e que, motivado por ela, “alguém” sugere que os jovens sejam enviados para trocar utensílios por comida, não qualquer um, mas o que de melhor possuíam. A ideia é acolhida e os jovens são chamados e enviados para essa missão.

Durante a busca, os jovens encontram um velho que oferece o seu Kalimba em troca de alguns objetos. Todos zombam do idoso e se afastam, menos Kababo, que troca seu machado pelo pássaro. Um fato que os demais jovens não sabiam é que o velho revelara a Kababo que o pássaro tinha poderes mágicos e atenderia a qualquer pedido que ele fizesse.

Os outros jovens encontraram alimentos e Kababo foi alimentado por Kalimba. Todos retornam: os jovens levando os provimentos para seus familiares e Kababo estava de mãos vazias, sendo sua atitude reprovada pelos mais velhos, além de enfrentar o desapontamento por parte de seus avós.

Na sequência, os avós de Kababo foram surpreendidos com uma mesa farta, oferecida a eles por seu neto. Kababo, então, escolheu um local “que lhe pareceu agradável”, pediu que Kalimba providenciasse casa, comida e tudo que fosse necessário para as pessoas viverem bem, e convidou os avós e a vizinhança para irem para esse local, onde se tornou o Soba.

A história de Maria Celestina Fernandes é a adaptação de uma narrativa oral, destacando-se que essas narrativas são potentes e merecem ser mais que ouvidas, precisam ser escritas e lidas. Desse modo, pretende instigar as/os leitoras/es a lerem a história na íntegra e conhecer detalhes da conversa do velho com Kababo, da viagem em busca de comida, do retorno e da chegada à província de Moxico, e, principalmente, saber porquê Kababo divide com a província a situação de bem-estar. Além disso, pretende-se possibilitar, com a

leitura integral desse conto, a percepção de que as línguas carregam identidades de um povo. Portanto, quando Maria Celestina Fernandes, e nessa parte é possível pensar no ponto de vista da história, faz escolhas linguísticas, optando por preservar vocábulos em línguas de origem nativas de Angola, ela acentua seu pertencimento; e quando oferece um glossário para que se tenha acesso a esse conhecimento, acena com gentileza, afabilidade e atenção à/ao leitora/leitor.

Kalimba é, no meu ponto de vista, uma narrativa que nos aproxima de Angola, da mesma forma que *Kambas para sempre*, outra história de Maria Celestina Fernandes (2015, 2017), demonstra sua aproximação com o Brasil.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Cida. Entrevista com Maria Celestina Fernandes: escritora fala sobre Literatura Infantil, representatividade e machismo. *Plano Crítico*, [S.l.], 1 de jan. de 2017. Disponível em: <https://www.planocritico.com/entrevista-maria-celestina-fernandes-escritora-fala-sobre-literatura-infantil-representatividade-e-machismo/>. Acesso em: 3 ago. 2021.

FERNANDES, Maria Celestina. *Kalimba*. Ilustração de Bruna Mancuso. São Paulo: Kapulana, 2015.

FERNANDES, Maria Celestina. *Kambas para sempre*. Ilustrações de Mariana Fujisawa. São Paulo: Kapulana, 2017.

BRASIL E ANGOLA – ANGOLA E BRASIL: KAMBAS PARA SEMPRE!

Maria Aparecida Rita Moreira

O livro *Kambas para sempre* (2017), de Maria Celestina Fernandes e ilustrado por Mariana Fujisawa, foi publicado no Brasil pela editora Kapulana, com 24 páginas e traz uma falsa folha de rosto (folha de guarda), cujo verso se encontra o mapa da América do Sul, destacando o Brasil e o mapa do Continente Africano, destacando Angola; separando e unindo os dois mapas países, está o Oceano Atlântico. Na penúltima página do livro, página 23, o mapa do Continente Africano reaparece novamente dando ênfase a Angola, acrescido de informações sobre o país e a procedência da rainha Lueji, nome da personagem da história. Na terceira capa constam as biografias da escritora e da ilustradora.

A narrativa é feita em primeira pessoa, na intenção de reforçar a importância da protagonista, com o relato de suas vivências. Interessante ressaltar que Maria Celestina Fernandes é uma escritora angolana e, neste conto, retrata a história de uma afrodescendente, Lueji, “fruto do amor misturado de duas raças” (FERNANDES, 2017, p.7); seu pai é negro e sua mãe é branca.

A biografia de Maria Celestina, apresentada na terceira capa, mostra-nos que “Sua maior produção e seu maior prazer são os livros para crianças, a quem gosta de contar histórias, transmitir conhecimentos e, com elas, aprender, porque criança é caixinha de sabedoria [...]” (FERNANDES, 2017, p. 23). E é desta caixa-criança de sabedoria que nasceu a história *Kambas para sempre*.

Entendemos que cabe aqui compartilhar a base do argumento sobre a influência da caixinha-criança de sabedoria na escrita *Kambas para sempre*. Para tanto, vamos a outra breve história. Através do

“Messenger”, esta resenhista, Maria Aparecida, indaga Maria Celestina sobre se houve alguma motivação especial para a produção do livro e como resposta a escritora faz uma revelação: a história foi resultado de um depoimento que ouviu quando participava de um fórum, no Brasil. Uma senhora contou que uma coleguinha (branca) de sua filha (mestiça) lambeu o braço da filha para ver se tinha gosto de chocolate. Ao saber disso, contado pela própria filha, perguntou-lhe o que ela fez e a menina respondeu que sua reação foi lambe-la a colega para ver se tinha gosto de açúcar, uma vez que era muito branca. Maria Celestina conclui dizendo que foi do choque ao riso e sentiu que precisava escrever sobre o acontecido.

Dito isso, voltamos a *Kambas para sempre*, contando um pouco sobre esse encontro entre Lueji e sua amiga. A história começa de maneira inusitada: a narradora relembra a construção de uma amizade a partir das lambidelas de sua cachorrinha. Certamente, um início não muito peculiar, mas que faz sentido no mundo da imaginação, próprio das crianças.

Após essa introdução, a narradora-menina apresenta-se, revelando seu nome, Lueji, e que nasceu no Brasil, sem informar em qual estado ou cidade. Na página seguinte, a oito, a protagonista vai fazendo outras revelações, enfatizando sua descendência africana, assinala seus antepassados africanos, afunila a narrativa para Angola, conectando este país ao Brasil, lembrando as rotas do tráfico negroiro.

Lueji refere-se ao tráfico, mas também faz referências sobre a África, lembra que é um continente, do qual Angola faz parte, que é um dos países que o pai dela visitou, que “adorou” ao ponto de sentir que lá foi “o local de seus ancestrais”. A menina conta, ainda, que ficou muito feliz com a história do seu nome, escolhido por seu pai, e que Lueji era, também, o nome de uma rainha de Angola, uma soberana do reino dos Lundus.

Na sequência da narrativa, aparece o primeiro confronto, quando Lueji conta a sua avó que na escola o professor comentou que os pais

dele vieram da África, que foram escravos. A avó, então, esclarece que os que vieram da África e foram escravizados e eram seus antepassados, além disso, explica sobre a escravidão e suas consequências.

Lueji também comenta com a avó o afastamento de alguns colegas e as críticas ao seu cabelo, ao que a avó empodera, ressaltando a beleza da menina, chamando-a de rainha e dizendo para que não se deixe abalar e siga de cabeça erguida e fortalecida.

Lueji confessa, então, que, às vezes, ainda se sente triste por conta do preconceito e relata o que a aproxima daquela que será sua amiga para sempre: Ana, a menina que um dia lambeu sua bochecha. Essa troca de gestos, quase inconscientes, resultou em um beijo de Ana em Lueji e num abraço que selou a amizade das duas.

A história *Kambas para sempre*, escrita por uma angolana e que tem como cenário o Brasil, é inovadora no sentido de que é comum escritoras/es estrangeiras/os escreverem histórias, tendo como cenário o seu país, as suas vivências ou, simplesmente, histórias dando asas à imaginação. Maria Celestina escolhe, nessa narrativa, escrever sobre o Brasil, mas trabalha com a ancestralidade. Narra a história de uma afro-brasileira, que tem o nome de uma rainha angolana, que não faz parte do nosso repertório; fala da escravidão na perspectiva negra e pontua a realidade dos escravizados, o enriquecimento dos senhores com o trabalho escravo e a percepção de que a abolição não garantiu equidade.

[...] Os pais dos meus avós, os meus bisavós, esses sim, nasceram numa terra africana. Eles foram escravizados e trazidos pra cá como simples objetos, a fim de serem utilizados como mão de obra barata.

[...]

– Mas, infelizmente, continuamos a ser discriminados e repudiados – [...]. (FERNANDES, 2017, p. 14)

A menina faz da oralidade, da escuta de sua avó, seu porto seguro: “E fui novamente comentar com minha avó Cisca. [...]” (FERNANDES, 2017, p. 13). Assim, evoca o respeito à sabedoria, ao saber dos mais velhos.

Kambas para sempre traz esse diálogo entre Angola e Brasil feito por meio do olhar de uma angolana, uma perspectiva que pode ser considerada arrojada. Com isso, permite-nos pensar que o mito da democracia racial está sendo descortinado, que a escritora conseguiu ter uma compreensão do “racismo à brasileira”, o que permitiu que escrevesse sobre o tema.

Essa história que, inicialmente, circula em Angola, no Brasil e em Portugal contribui para o empoderamento das crianças afrodescendentes e, ao mesmo tempo, denuncia o racismo ainda presente na sociedade brasileira.

REFERÊNCIA

FERNANDES, Maria Celestina. *Kambas para sempre*. Ilustração de Mariana Fujisawa. São Paulo: Kapulana, 2017.

O VOO DO GOLFINHO: UMA HISTÓRIA SOBRE TRANSFORMAÇÃO

Caroline Machado

O voo do golfinho, um livro com texto de Ondjaki e ilustrações de Danuta Wojciechowska, foi publicado em 2009, em Portugal, pela Editorial Caminho e recebeu em 2012 uma edição brasileira pela Companhia das Letrinhas.

O escritor nasceu em Angola, onde cresceu ouvindo muitas histórias que o fizeram também desejar criar histórias e poemas para adultos e crianças. Suas obras foram traduzidas para várias línguas, entre elas, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, sérvio, sueco e polonês. Foi agraciado com inúmeras premiações, a saber: o Grande Prêmio APE (Portugal, 2007), o Grinzane for Africa Prize - Young Writer (Etiópia/Itália, 2008), três edições do Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (Brasil, 2010, 2013 e 2014), Prêmio Jabuti (Brasil, 2010), o Prêmio Saramago (Portugal, 2013) e Littérature-Monde (França, 2016).

Danuta Wojciechowska é natural do Canadá, morou em Zurique, estudou na Inglaterra e vive em Portugal. É formada em design de comunicação, tem se dedicado a ilustrar livros para crianças. Recebeu, dentre outros, o Prêmio Nacional de Ilustração, em 2003, e a distinção Mulheres Criadoras de Cultura, em 2004, ambos prêmios portugueses. Foi em Portugal que conheceu o mar e os golfinhos e, num encontro com Ondjaki, contou sua experiência com os golfinhos, que depois transformou em história, surgindo, então, a obra *O voo do golfinho*.

Já na epígrafe do livro, no curto poema *Amanhecer*, de João Guimarães Rosa, temos uma pista do que encontraremos nas páginas seguintes: “Nuvens deslizam, despetaladas, e altas, altas, garças

brancas planam”. O céu como inspiração, lugar de voo e de existência, lugar desejado, espaço de liberdade.

O personagem principal, um golfinho, é quem narra sua própria história de forma poética. Conta como percebeu que não era igual aos outros golfinhos, que lhe apontavam seu bico diferente dos demais. Em um de seus saltos, um ensaio de voo, percebe seu corpo refletido na água. Não só o bico era diferente – parecia de um pássaro –, mas, também, seu corpo e seu olhar. A água espelha sua singularidade e revela suas diferenças.

Essa descoberta enche o personagem de alegria e o encoraja a buscar seu lugar perto das nuvens, onde encontra muitos pássaros diferentes, que, anteriormente, tinham sido outros animais: são agora pássaros de todas as cores, livres a cantar e a sonhar, que formam um grande bando da liberdade, a liberdade fundamental de ser quem se é, quem se deseja ser.

É uma história marcadamente contada em distintas tonalidades de azul, que simbolizam, ao mesmo tempo, céu e mar. São nuances que distinguem e aproximam esses dois lugares, quase os misturando nas amplas páginas duplas, e marcando suas diferenças de maneira sutil.

Ao final, encontramos uma imagem de um baú de costuras repleto de carretéis de linhas coloridas que sugerem que a trama da vida é por nós alinhavada na urdidura do tempo da experiência, a qual impele o pássaro a revelar um segredo: se desejar, um golfinho volta a ser.

REFERÊNCIA

ONDJAKI. *O voo do golfinho*. Ilustração de Danuta Wojceschowska. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

QUANDO A AUSÊNCIA DA LUZ É AFETO E TERNURA

Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira

Uma escuridão bonita, livro de Ondjaki, conta a história de um primeiro beijo: dois jovens conversavam na varanda da casa da avó Dezenove quando “A luz faltou de repente” (ONDJAKI, 2013, p. 11) e convidou o casal a ficar mais próximo um do outro. O menino enamorado quer impressionar, assim, ganha coragem na voz e pergunta: “ – Tu não achas que as pessoas são uma coisa tão bonita? ” (ONDJAKI, 2013, p. 15). A menina nada responde e, nessa ausência de palavras e de luz, ela olha o menino numa travessia de escuridão e cheiros. Ela tinha olhos bons e dizia “coisas sem ser com voz de falar. Foi a primeira descoberta assim estranha que eu fiz nessa noite duma bendita, bonita falta de luz” (ONDJAKI, 2013, p. 16). Um evento corriqueiro em Luanda, a falta de luz, que descortina um cenário poético e amoroso – e vai, aos poucos, traduzindo as nuances autobiográficas presentes na narrativa –: quem é o autor? Como ele vê a escuridão?

Ondjaki nasceu em Luanda, maior cidade e capital de Angola, país situado na costa ocidental da África. A língua oficial é a portuguesa, fala-se outras línguas africanas. O autor é poeta e prosador, além disso, é membro da União dos Escritores Angolanos e já recebeu vários prêmios. Seus romances, contos, poesia e livros infantis foram traduzidos para o francês, italiano, alemão, inglês, sérvio, polonês e sueco.

O livro *Uma escuridão bonita* se configura como Literatura Infantil e Juvenil. Foi publicado pela editora Pallas, no Rio de Janeiro, em 2013. As encantadoras ilustrações são do desenhista português Antônio Jorge Gonçalves, nascido em Lisboa. Esse livro recebeu o prêmio de

Melhor Livro para a Infância e Juventude, em 2013, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), foi selecionado pela Biblioteca Internacional da Juventude para o *White Ravens*, em 2014, e vencedor do Prêmio Nacional de Ilustração, em 2013.

Nas palavras do próprio autor, *Uma escuridão bonita* é uma conversa durante a escuridão, é um diálogo de afeto e ternura. A edição é belíssima; o jogo entre o preto e o branco é poesia elevada a sua mais alta potência. A única concessão colorida foi dada ao título, grafado em amarelo, com alto brilho, no formato de letra de mão. Assim, essa história ganha uma requintada moldura na qualidade do papel impresso; no tamanho e formato de um livro que repousa confortavelmente nas mãos do leitor; na textura suave; na harmonia e na cumplicidade entre texto e ilustração; nas largas orelhas destinadas a apresentar autor e ilustrador; nas pausas que permitem o respiro; numa história contada sem pressa. São mais de 100 páginas para dizer que “[...] o escuro às vezes não é falta de luz, mas a presença de um sonho” (epígrafe). E dizer também que: “É bom dividir uma escuridão com outra pessoa, em concha e aconchego, como se dois mundos, nessas gotas de negrume, fossem um só” (ONDJAKI, 2013, p. 25).

Aqui, nesse livro e nessa história, vamos ver e sentir o escuro, o negrume como a melhor sensação possível. Momento mais propício para viver a irrepetível sensação do primeiro beijo; ter desejos de estrela; imaginar um arco-íris noturno; ver de novo quem partiu para o outro mundo; contar histórias; ver o cinema Bu. Em cada um dos aspectos narrados, o olhar positivo e propositivo sobre a escuridão está em contraste com as inúmeras histórias que retratam o escuro como espaço do medo, do negativo, da ausência. Esse escuro está repleto de possibilidades, essa escuridão é muito bonita: “Para mim a falta de luz era estar ali com ela, de mãos dadas – os meus lábios na espera dos lábios dela” (ONDJAKI, 2013, p. 53).

A narrativa retrata o cenário pormenorizadamente: “Deixei ficar o meu nariz perto dos cabelos dela. O vento soprou, como se fosse cena

de cinema. Os cabelos dela voaram na minha direção. Por momentos, fizeram-me cócegas nos olhos. Tudo cheirava a abacate: os cabelos dela, o vento, a noite” (ONDJAKI, 2013, p. 75). O menino continuava à espera do beijo. A menina reparava os quatro dedos do pé esquerdo da avó Dezenove. Ambos sorriam: “A lua estava pendurada em cima de nós. O céu já não estava tão azul-escuro. Os morcegos brincavam de trocar de árvores gritando – como crianças alegres – nessa brincadeira voadora, e os grilos grilavam muito perto” (ONDJAKI, 2013, p. 75).

A história é repleta de barulhos, imagens, cheiros e gostos e se faz um convite para experimentá-los. “Uma escuridão bonita é, talvez, a simples estória de um beijo” anuncia a contracapa, mas para saber se “Um beijo todo salgado, sem nenhuma palavra de explicação”, (ONDJAKI, 2013, p. 102) de fato aconteceu, o leitor precisará abrir as páginas desse livro e conhecer essa grande e bonita narrativa sem temer o escuro, sem pressa para saber o desenrolar dos acontecimentos e, com o olhar inaugural, descobrir que algumas histórias são inventadas para que a escuridão que habita em nós possa ficar bonita.

REFERÊNCIA

ONDJAKI. *Uma escuridão bonita*. Ilustração de António Jorge Gonçalves. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

YNARI, UMA HISTÓRIA CONTADA POR TRANÇAS

Maria Laura Pozzobon Spengler

Ynari, a menina das cinco tranças é um livro do escritor angolano Ondjaki, em parceria com a ilustradora Joana Lira, publicado no Brasil em 2010 pela editora Companhia das Letrinhas. Originalmente, foi editado em Portugal em 2004. A versão brasileira tem formato brochura, com 48 páginas e mede 20,5 centímetros de largura por 27,5 centímetros de altura. A narrativa celebra a amizade, a oralidade das histórias contadas e a valorização do conhecimento dos sábios antigos. As palavras descobertas pela menina no decorrer da narrativa homenageiam o poder da linguagem na construção de sentidos sobre o mundo.

Nos agradecimentos que acompanham a narrativa, o autor já anuncia que, “[...] para escrever uma estória como esta, eu tive de espremer um sonho” (ONDJAKI, 2010, p. 3). E a história começa quando a menina Ynari encontra um homem pequenino saindo de um capim próximo ao rio, e é conhecendo a aldeia desse homem que a menina vai explorando as palavras e deixando suas tranças em cada um dos lugares que os dois passam, quando usa as palavras corretas, e que seus significados mudam o cotidiano das pessoas: “Estavam assim os dois conversando sobre as palavras, a importância que as palavras tinham na vida de cada um, como as usavam, quando as usavam, com quem as usavam e que significados tinham para o coração de cada um deles” (ONDJAKI, 2010, p. 13).

É acompanhando a trajetória de Ynari e do homem pequenino que o leitor passa a compreender as tranças da menina como o elemento mágico da narrativa, são elas que propiciam a paz nas aldeias em guerra, descoberta que também surpreende Ynari:

- Ah.... Diz uma coisa – Ynari olhou para o homem pequeno e mágico. – Todos somos mágicos?
- Sim, todos. Mas cada um tem que descobrir a sua magia. (ONDJAKI, 2010, p. 19).

Para Eliane Debus (2013, p. 131), o contato com a Literatura Africana pode arrebatá-lo o leitor:

[...] para um tempo e espaço que são diversos dos seus, (re)apresentando mundos e personagens que provocam a identificação, ou não, bem como o alargamento do seu horizonte de expectativas. Desse modo, ele experimenta um viver distante do seu, ao mesmo tempo tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar o seu viver.

Algumas palavras do cotidiano angolano são apresentadas em um glossário ao final do livro, mas que, mesmo sem compreendê-las em seu completo significado, o leitor não minimiza sua experiência estética da leitura em português angolano, visto que o autor apresenta as duras marcas da guerra em seu país de forma poética.

Para compor as ilustrações, a artista Joana Lira se expressa usando técnicas diversas, como colagem e desenho, bem como elementos gráficos africanos. O jogo da construção das ilustrações em conjunto com o texto verbal promove ao leitor a possibilidade da brincadeira de estar na história.

Apesar da temática dolorosa que traz os horrores da guerra, a narrativa desenvolve-se com delicadeza, permeado pelos elementos fantásticos, é a palavra que constrói a visão de um mundo de paz possível.

REFERÊNCIAS

DEBUS, Eliane. A Literatura Angolana para Infância. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1129-1145, out./dez. 2013.

ONDJAKI. *Ynari, a menina das cinco tranças*. Ilustração de Joana Lira. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

UMA BICICLETA PARA DAR VIDA ÀS BOAS HISTÓRIAS

Maria Laura Pozzobon Spengler

Em *A Bicicleta que Tinha Bigodes*, o autor angolano Ondjaki (2012) nos convida a conhecer um pouco da sua infância em Luanda durante a década de 1980, trazendo à narrativa personagens que já se destacaram em seus livros para adultos, como a Avó Dezanove.

A história se dá com a descrição de um concurso literário infantil, promovido pela Rádio Nacional de Angola, onde a criança autora da melhor história escrita ganharia uma bicicleta “bem bonita, amarela, vermelha e preta” (ONDJAKI, 2012, p. 10). O enredo é narrado em primeira pessoa do singular e tem como uma das principais características o humor.

O menino protagonista desafia-se a construir um bom conto e que se ganhar a bicicleta colorida iria “[...] deixar todos da minha rua andarem sem pedir nada em troca” (ONDJAKI, 2012, p. 10). No entanto, sem encontrar uma boa ideia para a escrita, ele lembra que o tio Rui, que mora na sua rua, “[...] é escritor e inventa estórias e poemas que até chegam a outros países internacionais” (ONDJAKI, 2012, p. 9). Com a negativa de ajuda de tio Rui, mas com a ajuda dos amigos Isaura e JorgeTemCalma, estuda formas de roubar o baú em que tio Rui guarda as palavras que lhe caem dos bigodes. Com essas centenas ou milhares de palavras ali conservadas, certamente, conseguirá escrever a história que será premiada.

Publicado no Brasil pela Editora Pallas em 2012, o livro brochura tem 92 páginas. Ganhou o Prêmio Bissaya Barreto, em Portugal, em 2012, além do Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), no Brasil, em 2013, na categoria Literatura em Língua Portuguesa.

O projeto gráfico do livro, como a guarda final do livro, cuja orelha, com o desenho de um envelope, ao ser aberta, materializa-se a carta, em folha de caderno com linhas, escrita à mão pelo protagonista, destaca detalhes surpreendentes, sendo parte essencial do enredo da narrativa. Esse paratexto complementa o inserido na guarda inicial do livro: uma folha de caderno com linhas em branco. Outro importante elemento paratextual é o glossário apresentado ao final do livro que traz o significado de termos angolanos usados no decorrer do livro.

A narrativa, que traz elementos que caracterizam a infância, também fala dos reflexos que as crianças têm nos processos políticos do país, quando, por exemplo, na carta escrita, o protagonista solicita à “esselênsia” presidente da República, que a “[...] luz viesse mais vezes para podermos ver bem a telenovela” (texto da orelha).

Os elementos apresentados durante a busca das crianças para escrever seu conto mostram ao leitor um pouco da infância vivida em Luanda, cidade que nos é apresentada pelo olhar, pela fantasia e a vivência das crianças daquele lugar.

REFERÊNCIA

ONDJAKI. *A bicicleta que tinha bigodes*. Ilustração de António Jorge Gonçalves. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

AS VICISSITUDES DA BIODIVERSIDADE AFRICANA: O LEÃO E O COELHO SALTITÃO

Maria Paula Cavalcanti Carvalho

O livro *O leão e o coelho saltitão* pertence à coleção *Mama África*, que engloba contos tradicionais africanos e tem como autor Ondjaki, o qual nasceu em Luanda no ano de 1977 e é escritor de diversos títulos. As ilustrações dessa obra são de Rachel Caiano, que nasceu em Lisboa, também no ano de 1977, e possui várias obras em revistas portuguesas. O livro de Literatura Infantil e Juvenil foi publicado no Brasil, em sua primeira edição, em 2009, pela editora Língua Geral, na cidade do Rio de Janeiro, e contém 40 páginas entre texto e ilustrações.

A história ocorre no espaço da floresta e tem como personagens protagonistas o Leão, o rei da selva e o coelho saltitão, que tem esse nome por ter a habilidade de dar saltinhos. O enredo gira em torno das adversidades que essa floresta passa devido às inundações e aos incêndios que repercutiram uma escassa alimentação dos animais, os quais se detêm a comer pequenos bichos e frutos secos para não morrerem de fome.

Certo dia, o leão estava faminto e já não aguentava comer repetidas vezes ervas e peixes secos, foi então que teve a ideia de conversar com seu amigo, o coelho saltitão, para solucionar a fome, que, mesmo com receio, atendeu ao seu chamado. Depois de saber o motivo de ter lhe chamado, tramou o plano astuto de espalhar pela floresta a notícia de um falso enterro de um cão que ele nunca teve. Assim, disse ao leão que poderiam chamar todos os animais para o funeral e que, enquanto todos bebiam, o leão se passaria pelo cão morto até todos adormecerem. A partir disso, o felino daria um bote para alcançar inúmeros animais para sua refeição.

O coelho apressou-se e disse ao leão: “Meu velho, para que tudo dê certo, começa já a juntar os paus e as pedras. Constrói um recinto com um muro alto enquanto eu vou anunciar a todos a morte do meu cão”. (ONDJAKI, 2009, p.11). Dessa forma, o leão e o coelho puseram-se a colocar o plano em prática e, quando chegou o dia e horário do funeral, todos os animais foram prestigiar de perto.

Quando os animais chegaram ao funeral não desconfiaram que aquele cão morto era o leão vivo, pois estava disfarçado com o rosto sujo e a língua de fora. De repente, ele levantou-se e cantou: “Olha que festa mais linda mais cheia de graça cuidado com o cão veja a trapaça com uma doce dentada você vai dançar” (ONDJAKI, 2009, p. 24). Depois de conseguir matar vários animais e conseguir toda a carne que precisava saciar a sua fome fez sua refeição e deixou para o coelho a carne pertencente aos ossos pequenos. O coelho saltitão ficou com tanta raiva depois dessa reação do leão que, logo depois quando anoiteceu, vestiu-se de muitas peles e ossos dos animais mortos e foi assustar o leão, que teve tanto medo quando acordou, pois achou que era um espírito que veio lhe atordoar, diante disso, correu. Essa foi a oportunidade para o coelho comer toda carne que queria.

No outro dia, o leão descobriu que o coelho estava escondido perto do rio e pensando que ia conseguir pegá-lo caiu numa armadilha, pois quando imaginou que o coelho ia render-se, este atirou para dentro da boca dele um saco enorme de ossos. Assim, o leão engasgado foi levado pela correnteza do rio.

O autor destaca no fim da história: “Foi assim que aconteceu. É por isso que, até hoje, na Floresta Grande e mesmo nas outras florestas, o leão e o coelho não são grandes amigos” (ONDJAKI, 2009, p. 38).

As ilustrações que representam o leão são de um animal bravo e forte, e as que descrevem o coelho legitimam a sua mente pensante e criativa. Elas convidam as crianças a mergulhar nas aventuras do leão e do coelho, bem como reforçam os sentimentos e emoções das cenas.

As ilustrações marcam nitidamente um cenário de seca da

floresta, que, em suas nuances, traços e cores, imprimem no leitor a visão de uma área devastada e que passou por mudanças climáticas e pela ação humana permeada pelo desmatamento. As imagens desse meio ambiente se assemelham à seca das florestas da Angola e também faz refletir sobre os desflorestamentos que ocorrem ainda nos dias atuais.

Esta história dá novos tons à imaginação das crianças ao trazer personagens da fauna que falam e inventam possibilidades de sobreviver em meio às vicissitudes da floresta em que habitam. Além disso, é uma história que trata da realidade do cotidiano de animais que vivem em florestas com sua biodiversidade afetada, como ocorre em Angola.

REFERÊNCIA

ONDJAKI. *O leão e o coelho saltitão*. Ilustração de Rachel Caiano. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

A DEUSA DAS CHUVAS

Tatiana Valentin Mina Bernardes

Ombela: a origem das chuvas (2014), escrito por Ondjaki e ilustrado por Rachel Caiano, foi traduzido para o francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, sérvio, sueco e polonês e conquistou diversos prêmios: Sagrada Esperança, Angola, em 2004; António Paulouro, Portugal, em 2005; Grande Prêmio APE, Portugal, em 2007; Grizane Young Writer, Etiópia, em 2008; Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Brasil, em 2010 e 2013; Prêmio Jabuti, Brasil, em 2010; Caximbe, Angola, em 2011; Bissaya Barreto, Portugal, em 2012; e José Saramago, Portugal, 2013.

O livro conta a história de Ombela, deusa das chuvas, história que faz parte da tradição oral de Angola e diz a lenda que a Deusa Ombela, ao chorar de tristeza, fez surgir a chuva. A palavra Ombela significa chuva em Umbundu. Para não fazer mal às pessoas que vivem na terra, no livro, Ombela decide chorar somente nos mares. Um dia, seu pai, vendo a sua tristeza, diz-lhe que todas as pessoas têm dias ruins, até mesmo os Deuses e ensina que não choramos apenas quando estamos tristes, podemos chorar de alegria, ter momentos para sorrir e para chorar, temos diferentes períodos para distintos sentimentos. Assim, Ombela, com a ajuda do pai, aprende que pode chorar lágrimas salgadas e doces: quando está triste, lágrimas salgadas para os mares e, quando está feliz, lágrimas doces para a terra.

As ilustrações de Rachel Caiano dão vida à história, as linguagens visuais e verbais se encontram nas páginas do livro de forma harmoniosa, as imagens, em certos momentos, ocupam na integralidade o espaço da página, unindo-se com a palavra escrita, como se estivessem em movimento sincronizado.

O livro convida o leitor a viajar nas aventuras de Ombela sobre as descobertas da origem da chuva e o cuidado que precisamos ter com o meio ambiente.

REFERÊNCIA

ONDJAKI. *Ombela: a origem das chuvas*. Ilustração de Rachel Caiano. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2014.

O MENINO NGUNGA E A SUA GUERRA PELA VIDA

Ana Karina Corrêa Hoeller

O livro *As aventuras de Ngunga* foi escrito pelo angolano Pepetela no ano de 1972. Ngunga é um menino órfão de 13 anos que vive em Angola durante a guerra de independência contra os colonialistas portugueses.

Nas primeiras linhas do livro é relatada a forma como Ngunga ficou órfão: “Os pais foram surpreendidos pelo inimigo, um dia, nas lavras. Os colonialistas abriram fogo” (PEPETELA, 2002, p. 3). Ele ficou sem família e sem lar por causa da guerra.

Pelas aventuras de Ngunga, conhecemos as marcas deixadas pela guerra no povo angolano: “Os carros? Antes havia muitos que passavam na estrada. Mas, com as emboscadas, deixaram de passar. Ele ainda era pequeno, já não se lembrava. Vira um abandonado na estrada entre Muié e Kangombe, destroçado por uma mina, há pouco tempo” (PEPETELA, 2002, p. 22 e 23). A insegurança e o medo se tornam uma constante para o povo.

Ao longo da história, Ngunga desbrava o mundo dos homens com suas maldades, injustiças, mas também com a esperança da mudança e o estímulo do primeiro amor. Por ser um menino órfão, Ngunga vai crescendo solto no mundo, tendo que aprender a sobreviver frente aos desafios e às dificuldades que aparecem em seu caminho. Nas suas andanças, o menino conhece o comandante Mavinga do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e uma nova oportunidade surge para Ngunga com a chance de frequentar a escola e aprender a ler e escrever.

Tinha o direito de ficar sempre perto de Mavinga, que o apresentava assim: – Este é o Ngunga, um rapaz corajoso que quer conhecer o Mundo. Veio de longe, sozinho. O amigo dele era o

camarada Nossa Luta, que vocês devem conhecer. Quer ser guerrilheiro, mas eu resolvi metê-lo na escola. Como nunca está parado, vocês ainda vão ouvir falar dele. (PEPETELA, 2002, p. 22).

Aos olhos de Ngunga, a escola assim se apresenta:

A escola era só uma cubata de capim para o professor e, numa sombra, alguns bancos de pau e uma mesa. Ngunga imaginara-a de outra maneira. Também o professor o surpreendeu. Julgava que ia encontrar um velho com cara séria. Afinal era um jovem, ainda mais novo que o comandante, sorridente e falador. Esse aí sabia mesmo para ensinar aos outros? (PEPETELA, 2002, p.24).

Outro ponto muito presente ao longo da história do menino valente é como as pessoas se posicionavam frente à opressão dos colonialistas portugueses e à importância de lutar contra a organização da sociedade angolana retratada no momento da história – década de 1970:

As pessoas de quem gostara e de quem não gostara vinham-lhe à lembrança: os pais, Mussango, Kafuxi, Imba, Nossa Luta, Mavinga, Chivuala, União. Bons ou maus, todos tinham uma coisa boa: recusavam ser escravos, não aceitavam o patrão colonialista. Não eram como os G.E.¹ ou o cozinheiro da PIDE². Eram pessoas; os outros eram animais domésticos. (PEPETELA, 2002, p. 41).

Com a leitura envolvente e cativante do livro *As aventuras de Ngunga*, descobrimos que viver e crescer em meio à guerra traz angústia, dor e medo, mas também traz força, coragem e esperança!

REFERÊNCIA

PEPETELA. *As Aventuras de Ngunga*. Alfragide, PT: Publicações Dom Quixote, 2002.

DE TRAVESSIAS E DE ARCO-ÍRIS

Tatiana Valentin Mina Bernardes

O livro *Debaixo do arco-íris não passa ninguém* (2006) foi escrito por Zetho Cunha Gonçalves e ilustrado por Roberto Chichorro. O escritor nasceu em 1960, na cidade de Huambo, planalto central de Angola, e atua como poeta, tradutor e escritor. Já o ilustrador, nasceu em 1941, em Maputo, capital de Moçambique, cursou cerâmica em Madrid, na Espanha, atualmente mora em Portugal.

Debaixo do arco-íris não passa ninguém é parte do conjunto de títulos que compõem a Coleção Mama África. O livro apresenta 15 poemas compostos a partir de provérbios, adivinhas, canções, motejos e poemas da tradição oral dos povos nganguela, tchokwê e bosquímano, população do Cuando Cubango, localizado no Sudeste de Angola.

Os poemas são apresentados ao leitor em forma de canções, alguns versos aparecem destaque, com a escrita em letras maiúsculas e as estrofes são deslocadas para a esquerda e direita como se estivessem dançando. As ilustrações acompanham os poemas de maneira harmoniosa, são bem coloridas, predominando as cores primárias (vermelho, azul e amarelo), e a técnica utilizada é a mista (nanquim, aquarela e pastel de óleo).

Na página três, o escritor apresenta um “Breve Glossário” com a tradução de algumas expressões contidas nos poemas para o Português. Os 15 poemas são intitulados: *Canção do princípio do mundo*; *Canção do Milhafre feiticeiro*; *Canção do bom-dia*; *Canção da semente de pólen*; *Canção de magia da cabeça da avestruz*; *Canção do jacaré voador*; *Canção do grilo e da formiga*; *Canção da malvadez*; *Canção das borboletas*; *Canção da onça para a formiga*; *Canção da jiboia*; *Canção do faz de conta do jacaré e da borboleta*; *Canção do javali furioso*; *Canção do salalé*; *Canção do arco-íris*.

REFERÊNCIA

GONÇALVES, Zetho Cunha. *Debaixo do arco-íris não passa ninguém*. Ilustração de Roberto Chichorro. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

1 Grupo Especial. *Unidades de soldados angolanos no exército português*.

2 Polícia Internacional e de Defesa do Estado

A CAÇADA REAL DE ZETHO CUNHA GONÇALVES

Elika da Silva

Zetho Cunha Gonçalves nasceu na cidade do Huambo, em 1960, é um poeta, ensaísta, tradutor e autor de Literatura Infantil angolano. Publicou seu primeiro livro de poemas, *Exercício de Escrita*, em 1979, seguido por muitos outros. Tem traduções da sua obra para alemão, espanhol, hebraico e italiano, e colaboração por jornais e revistas de Angola, Brasil, Espanha, Moçambique, Itália e Portugal. Atualmente, vive em Lisboa, dedicando-se inteiramente à Literatura. No Brasil, publicou os livros: *Debaixo do Arco-Íris não passa Ninguém*, *A Caçada Real*, *Brincando Não Tem Macaco Troglodita* e *A Vassoura do Ar Encantado*, endereçados ao público infantil e juvenil.

O título *A caçada real* (2011)³ foi o escolhido para esta resenha. O projeto gráfico dessa obra é muito bem construído e apresenta uma narrativa criativa e humorada que se complementa com as belíssimas ilustrações de Roberto Chichorro, que ressalta os personagens com características positivas e um cenário que valoriza os aspectos dos animais e da Selva, elementos importantes para o leitor da pequena infância.

Os capítulos estão divididos em IV atos (como no teatro), que se desenrola sobre a problemática da “caçada real”, que inicia quando o Rei Leão convida o Jumento, fiel conselheiro do rei e responsável pelas novas tecnologias da comunicação, a participar de uma caçada. O Rei está no poder há 70 anos, mas tudo indica que seus súditos não estão contentes com seu governo.

No início da história, o Jumento já aparece como a pessoa que cuida

3 Existe outra versão dessa obra que foi publicada em Portugal, no ano de 2007, pela editora Bonecos Rebeldes.

da tecnologia “trabalhando num enorme computador, no Palácio” (GONÇALVES, 2011, p.7) e tem acesso às críticas enviadas ao reino pelo “correio eletrônico” do Rei. O contato inicial entre eles acontece por meio do celular, em que o Rei liga para saber sobre as novidades e se “há queixas graves”, onde ele pode resolver com sua força. Como para o Jumento é um absurdo tanta reclamação sobre o Rei, justamente no dia que ele estaria completando “85 rissonhas primaveras e 70 anos de reinado!” (GONÇALVES, 2011, p.7), fala que as mensagens são de pouca importância, porém, alerta que em “[...] tantos anos de serviço nunca viu tanta barbaridade junta” contra o Rei e seu reinado (GONÇALVES, 2011, p.8).

No entanto, o soberano não se abala, pois diz que consultou o “feiticeiro dos astros”, que falou que ele reinaria até os 155 anos e pede ao Jumento que espalhe, por meio do correio eletrônico e por mensagens de celular, a notícia.

Nos próximos atos, em que o Rei e o Jumento se encontram para a caçada, todo o enredo se desvela, outros personagens aparecem para complementar a narrativa e, por fim, a última personagem, a Corça, uma jovem de 21 anos de idade, que é a vítima da caçada real. No último ato, o autor surpreende o leitor com uma reação inesperada do Jumento.

De forma criativa, o autor constrói um texto que tem uma pegada de humor e superstição num mundo metafórico em que os bichos mandam. Além disso, aponta importantes reflexões sobre as questões relacionadas ao poder, à política, à ambição e ao autoritarismo numa linguagem poética. Debus (2013, p. 1131), no artigo “A Literatura Angolana para Infância”, que reflete sobre a inserção das literaturas africanas de língua portuguesa para a infância produzidas no mercado editorial brasileiro, destaca que a palavra ficcional:

[...] arrebatava o leitor para um tempo e espaço que são diversos dos seus, (re)apresentando mundos e personagens que provocam a identificação, ou não, bem como o alargamento do seu horizonte de expectativas. Desse modo, ele experimenta um viver distante do seu,

ao mesmo tempo tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar o seu viver. (DEBUS, 2013, p.1131).

Sendo assim, a obra pode ter uma importância fundamental na formação leitora, pois apresenta personagens em diferentes aspectos e imaginários, além de trazer uma produção literária de um escritor africano, que, de acordo com Debus (2013), permite uma visão ampliada de mundo, possibilitando, assim, novas descobertas, numa perspectiva de ampliar a experiência estética do leitor em formação. Levando em conta que na sociedade contemporânea a experiência cultural cotidiana das pessoas é cada vez mais intensificada pela imersão no mundo virtual, a obra faz uma abordagem significativa sobre o uso das tecnologias digitais, as quais estão presentes em todos os elementos da vida em sociedade, apresentando-as como aliadas do reino, principalmente, por espalhar as notícias com rapidez.

Apesar de não ser uma leitura produzida para os meios digitais, sua linguagem proporciona ao leitor uma imersão no mundo virtual pelo imaginário, pois ali, no meio da Selva, o meio de comunicação, informação e reclamação dos animais é a tecnologia. Esse livro possui uma qualidade literária e estética, sendo uma excelente sugestão de leitura tanto para o público infantil e juvenil como para adultos, já que envolve e provoca o leitor por meio de uma narrativa leve, divertida e inteligente.

REFERÊNCIAS

DEBUS, Eliane. A Literatura Angolana para Infância. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1129-1145, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/94LdF3WFtDdXgSKkXWStNPj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2021.

GONÇALVES, Zetho Cunha. *A Caçada Real*. Ilustração de Roberto Chichorro. São Paulo: Matrix, 2011.

UMA NARRATIVA DE VENTO PARA CELEBRAR A ANCESTRALIDADE

Maria Laura Pozzobon Spengler

A vassoura do ar encantado é o livro de autoria de Zetho Cunha Gonçalves (2012), escritor angolano, e Andrea Ebert, ilustradora brasileira, publicado pela Editora Pallas, em 2012. A narrativa é contada no livro brochura com 48 páginas, que mede 23 centímetros por 20 centímetros. Por certo, é um convite para conhecer sobre a ancestralidade africana e o conhecimento dos anciãos, narrando o dia a dia de uma aldeia e elementos de cultura, como as vivências do grupo:

Depois do jantar, toda a aldeia se juntava no jongo. Era então o momento dos mais-velhos transmitirem sua sabedoria, fazendo jogos de adivinhas e provérbios, e narrando as lendas e a história antiga da sua aldeia e do seu povo aos mais novos e às crianças. Eram histórias que não acabavam, que não tinham fim. Contavam-se misturadas com muito canto e muita dança, imitando sempre a voz e o andar dos animais da floresta. (GONÇALVES, 2012, p. 21).

O livro conta a história de duas irmãs muito velhinhas que moravam em uma aldeia em Angola, rodeada de cafezais e nevoeiro. Como pouco sabiam da história das irmãs, nem de sua origem e nem suas idades, os moradores do lugar diziam que as duas eram bruxas ou feiticeiras: “Uma era a bruxa da Vassoura de Vento. A outra, a bruxa da Vassoura das Nuvens” (GONÇALVES, 2012, p. 10).

Mutango e Vilengo eram os nomes das duas e elas “[...] conseguiam enxergar segredos que mais ninguém alcançava” (GONÇALVES, 2012, p. 11). As pessoas acreditavam que as irmãs eram bruxas porque tinham o dom de preparar ervas e tratar dos doentes:

“Quando acontecia de alguém ficar doente na aldeia, elas eram as primeiras a chegar à porta do enfermo, com os seus saquinhos próprios de milongos, e um olhar de feitiço, que atravessava e curava o mundo de uma ponta à outra, sem pestanejar” (GONÇALVES, 2012, p.15). Além disso, eram chamadas para escolher onde seria o melhor lugar para construírem as casas dos moradores da aldeia. Por conta disso, o lugar era conhecido como “A aldeia das duas bruxas”, assim como “o lugar no mundo mais perfeito e bonito para se viver” (GONÇALVES, 2012, p. 18), mas isso gerou intrigas entre a aldeia em que moravam e as aldeias vizinhas.

Para proteger o lugar, as irmãs começaram a ensinar meninas e meninos em uma escola especial que inventaram. Lá tinham, durante o dia, “[...] aulas de sol, de água e de vento, de ervas medicinais e de terra boa para a lavoura” (GONÇALVES, 2012, p. 29) e, à noite, “Aprendiam o segredo da lua e das estrelas, e aprendiam a ler e cuidar das nuvens, a chuva, e da quantidade certa de nevoeiro que era preciso fazer pela manhã” (GONÇALVES, 2012, p. 30), assim como aprendiam a afugentar animais ferozes sem os machucar.

As ilustrações de Andrea Ebert se intercalam entre páginas que se constituem de desenhos com as personagens em meio à natureza e páginas duplas com elementos gráficos africanos em tons terrosos. Ao final do livro, um glossário apresenta ao leitor as palavras da cultura angolana que constituem a escrita da história.

REFERÊNCIA

GONÇALVES, Zetho Cunha. *A vassoura do ar encantado*. Ilustração de Andrea Ebert. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

NAS BRINCADEIRAS, DESCOBERTA E REDESCOBERTAS DO MUNDO

Simoni Conceição Rodrigues Claudino

O livro *Brincando, brincando não tem macaco troglodita* é de autoria do escritor angolano Zetho Cunha Gonçalves, tem ilustrações do moçambicano Roberto Chichorro, e foi publicado no Brasil pela Editora Matrix, em 2011.

Na página quatro estão os dados catalográficos do livro e, na página cinco, uma dedicatória aos grandes amigos. As páginas 22 e 23 são dedicadas a uma pequena biografia do ilustrador e do escritor, ambos nascidos em África. Na quarta capa, um pequeno texto apresenta o livro ao leitor como um fabuloso mundo de bichos, em “divertidas aventuras em forma de lindos poemas”. A capa utiliza partes das ilustrações contidas no interior do livro.

O livro possui 24 páginas, sendo que apenas cinco folhas têm ilustração, as quais se apresentam em forma de folha inteira, sem nenhum registro escrito. Essas ilustrações trazem um pouco daquilo que vem sendo contado nas entrelinhas dos poemas. As demais folhas em que há a linguagem escrita não há ilustração, apenas um fundo branco. Há um glossário na página 21 com palavras e expressões utilizadas na escrita do texto.

A escrita inicia na página seis, na forma de poema e cada um deles começa com “brincando, brincando” e termina, também, com “brincando, brincando”. Ao leitor apressado que quer ler tudo de uma só vez, talvez, vai achar cansativa a repetição, mas àquele que lê saboreando cada verso e tentando entendê-los vai, aos poucos, percebendo a brincadeira contida no “brincando, brincando”.

Os poemas são de um menino, de uma menina e de vários bichos, estes estão a entreter e a desafiar o leitor a entender seus versos. O

primeiro poema é do macaco que sentado lê estrelas. Para encerrar a brincadeira com os poemas, o escritor encerra sua escrita com o seguinte poema:

Brincando, brincando
Não tem macaco troglodita
Disse a laboriosa formiga
Fechando a porta desta aventura
Sempre
Brincando, brincando.
(GONÇALVES, 2011, p. 20)

E brincando seguimos à procura de novos outros poemas, outros bichos e outros lugares para conhecer e se encantar.

REFERÊNCIA

GONÇALVES, Zetho Cunha. *Brincando, brincando não tem macaco troglodita*. Ilustração de Roberto Chichorro. São Paulo: Matrix, 2011.

A map of the African continent is shown in a light beige color. The country of Brazil is highlighted in a solid orange color. To the northwest of the African continent, the islands of Cabo Verde are depicted as a small cluster of dots. The text 'CABO VERDE' is written in bold, black, uppercase letters to the left of the islands. The text 'BRASIL' is written in bold, black, uppercase letters within the orange-shaded area of Brazil.

**CABO
VERDE**

BRASIL

AI, SE UM DIA... ENTRE TELAS E DESEJOS

Zâmbia Osório dos Santos

Ai, se um dia..., livro de Vera Duarte (2019), com ilustrações de telas de Antônio Bandeira, Arthur Timótheo da Costa, Benedito José de Andrade e Estêvão Silva, artistas plásticos negros brasileiros do século XIX, que transbordam poéticas.

Publicado pela editora Nandyala em 2019, o livro integra a coleção *Mulheres Negras*, para meninas e meninos de todas as idades. Com dimensões de 23 centímetros de altura por 19 centímetros de largura, privilegia as ilustrações em páginas alternadas dos textos da poetisa. Cada verso do poema *Ai, se um dia* está grafado em uma fonte diferente, assim, os formatos e arranjos visuais das palavras também se encharcam de poesia.

Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina, Vera Duarte é cabo-verdiana, nascida no Mindelo, na Ilha de São Vicente. Escreve poemas desde o início dos anos 1990 e entre os muitos espaços que ocupa na sociedade civil está a Associação de Escritores Cabo-verdianos (AEC). É uma mulher engajada em muitas lutas. Nas palavras de Érica Antunes Pereira (2010, p. 107),

[...] sua atuação no contexto social é marcante, sagrando-se como a primeira mulher a entrar para a carreira da Magistratura em Cabo Verde, a atuar como Juíza Conselheira no Supremo Tribunal de Justiça do país e a participar da Comissão Africana para o Direito do Homem e dos Povos.

Nesse livro lemos sobre os desejos de fartura, que interrompem a fome, e sobre chuvas e sorrisos que fertilizam vida. Cada página carrega anseios distintos e vão ao encontro do outro. Desejos presentes

nas flores e frutas são retratados por Antônio Bandeira, Benedito José de Andrade e Estêvão Silva e no olhar gentil do homem que carrega o palheiro no ouvido, de Arthur Timótheo da Costa.

As telas nos transportam para outros mundos, estabelecendo pontes entre Cabo-Verde e o Brasil, entre o tempo do que fazemos no presente e o que resulta no futuro. *Ai, se um dia...* nos tempos que vivemos é sopro, brisa leve do que está por vir, mas que não surge de repente: é cultivado no presente.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Vera. *Ai, se um dia...* Ilustração de Antonio Bandeira, Arthur Timótheo da Costa e Benedito José de Andrade Estevão Silva. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.

PEREIRA, Érica Antunes. Vera Duarte: “a mulher cabo-verdiana é uma personagem interessante”. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 105-202, jul./dez. 2010. p. 105-111.



**GUINÉ-
BISSAU**

BRASIL

LÁGRIMAS PARA ENFEITAR O MUNDO

Waleska Regina Becker Coelho De Francesch

[...]

*A história da minha mãe voou
e veio pousar
na minha alma triste como a dela [...]*
(BANORI, 2020, p.9)

A beleza da escrita de Eliseu Banori (2020), no livro *A história que minha mãe não me contou e outras histórias da Guiné-Bissau*, é manifestada em seis contos como uma conversa ao redor da fogueira. Nesse aconchego textual, os contos são apresentados impregnados de detalhes culturais, provocando a leitura sensorial e emocional que, dispensando ilustrações, propicia uma experiência leitora plena de significados.

O escritor, que é também professor e pesquisador, mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atualmente, atua como assessor de Práticas Antirracistas da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Ele nasceu e cresceu em Bissau, capital da Guiné-Bissau, no Oeste da África. Como filho de um agricultor e uma vendedora de feira, começou a frequentar a escola tardiamente e descobriu a paixão pela Literatura numa igreja evangélica. Há 12 anos vive no Brasil produzindo Literatura e evidenciando em sua escrita as riquezas de sua etnicidade.

Nesse livro, o autor apresenta na feitura de seus contos a importância da oralidade e das memórias culturais. Em entrevista concedida a Amanda da Silveira Lopes, ele afirma que:

Cresci ouvindo histórias. Ainda em Catíó já contava histórias que o meu avô, Arnaldo, contava ao redor da fogueira. O presente livro é resgate dessas memórias e de histórias que eu ouvia contar. Outras foram criadas por mim mesmo! *A história que a minha mãe não me*

contou e outras histórias da Guiné-Bissau é um livro de denúncia social, sobretudo, de um mundo esquecido e abandonado, no qual as mulheres e crianças são vítimas. O livro está cheio de lágrimas. (BANORI, 2021).

O escritor guineense, que iniciou suas publicações em 2011, apresenta ao público mais de seis obras em diferentes gêneros literários, intituladas: *Em Busca do Espaço Verde*; *O vento Ainda Sopra*; *Memórias Fascinantes: relatos que traduzem o silêncio*; *As Almas em Agonia*; *Cantar do Galo*; *O Rei Imbatível: Caminhos Árduos de Jujú*. Em *A história que a minha mãe não me contou e outras histórias da Guiné-Bissau*, Banori (2021) assegura que:

Cada conto nos apresenta personagens em busca de um mundo melhor – um mundo cheio de conflitos e pobreza que os atormentam. Por outro lado, em cada história desse livro, percebe-se a grande vontade de viver dos personagens – mostrando, de fato, que a esperança é a última que morre numa sociedade que as almas vivem em agonias [...] (BANORI, 2021).

O livro de contos pensado para o público juvenil foi editado pela Editora Nandyala em 2020. Sua confecção possui capa em papel Cartão 250g e miolo em Couché fosco 120g nas dimensões 23 centímetros de altura, 16 centímetros de largura, contendo 36 páginas. A capa, concebida por Caetano Imbó, que é artista plástico e escritor, também nascido em Bissau, apresenta arte sobre pintura com predominância de tonalidades fortes em contraste a textura terrosa e uma estética singular de tendência impressionista.

O livro apresenta como epígrafe a citação de Odete Costa Semedo, como um convite à apreciação dos contos que virão. Do mesmo modo, contém dedicatórias, glossário com 24 termos guineenses, duas sinopses na contracapa escritas por Lia Vieira e Odete Semedo.

Os textos construídos a partir dessa experiência de vida em

memória guineense, sejam eles os mais antigos, vindos da oralidade (cantigas, adágios, contos etc.) ou do mundo da escrita (poesia, narrativa), significam mais do que textos ou discursos. Eles expressam as práticas, os comportamentos, o “fazer”, “o dizer” de um povo. (SEMEDO, 2020, texto na contracapa).

Os seis contos que possibilitam ao leitor, além da fruição literária, o acesso a especificidades de linguagem, relações sociais e situações regionais. O primeiro conto é o que nomeia a coletânea e é narrado em primeira pessoa. Em *A história que a minha mãe não contou*, faz-se referência a uma filha que deseja conhecer a história da mãe, uma mulher triste que se recusa a trazer de volta o seu passado o qual parece ser de muita dor. Esse conto revela com delicadeza elementos da memória da infância e das referências familiares de uma menina em Bissau.

O segundo conto é *Beto, o comedor de papaia*, onde o narrador descreve como a fome assolava as barrigas das famílias no bairro. Nesse contexto, no quintal do menino Mamarsa, uma papaieira possui três frutos, que são alvo do desejo familiar e dos meninos da vizinhança. Quando a família é surpreendida com um cabrito de presente, vive-se uma situação inusitada, um fragmento de fartura, que rapidamente se desfaz com a visita de Beto e aos “três irmãos, sobraram as sementes das papaias para fazerem nascer mamoeiros com o vento do amanhã [...]” (BANORI, 2020, p.16).

O terceiro conto é *25 de dezembro*, uma narrativa que acontece no dia em que os cristãos comemoram o nascimento de Jesus e enfatiza como para algumas crianças havia sentimento de alegria, enquanto, para outras, como a personagem Margarida, o sentimento era conflitante. Margarida, uma menina de oito anos, em sua solidão, pensa na desigualdade do mundo, na vida que poderia ter acontecido e não aconteceu, revelando com simplicidade, no seu pensamento infantil, uma contundente reflexão social.

Nunca falta, o quarto conto, é narrado na primeira pessoa do plural

e relata a história de Zé, que caminhava de um bairro a outro desde os 8 anos de idade para se alimentar na casa da tia Joana, que, apesar da pobreza e tristeza na alma, sempre o acolhia. Quando adulto, continua com o mesmo vínculo afetivo, onde sacia a fome e conta para as crianças, uma semana antes de morrer, as minúcias de sua triste vida. Às crianças que narram o conto, resta o lamento: “Morreu a nossa amizade quando tudo começou a florir”(BANORI, 2020, p.23).

O quinto conto intitulado *Cachorro faminto*, retrata a história de Tia Udé, mulher forte, trabalhadora e generosa, que passou mais de 30 anos de sua vida servindo ao comandante Zé Có, após a Independência da amada Guiné, mas que foi despedida por uma injustiça envolvendo o cachorro Amilcar. Essa narrativa, com preciosos detalhes culturais, termina com o autor fazendo referência às palavras da escritora negra brasileira Conceição Evaristo.

O último conto dessa obra, o *Homem de um pé pequeno e um pé grande*, narra as angústias de um homem com as questões de aceitação da sua diferença física, onde “A morte, de repente, seria a sua eterna liberdade [...]” (BANORI,2020,p.31).

Eliseu Banori (2021), ao afirmar que “A Literatura representa para mim a certeza de que a vida existe e é possível vivê-la [...]”, fortalece a compreensão do que o motiva a escrever e, para o público leitor, fica um convite para a continuidade da apreciação dos elementos narrativos que rompem fronteiras e possibilitam a ampliação de informações culturais de Guiné-Bissau através de sua escrita.

REFERÊNCIAS

BANORI, Eliseu. *A história que minha mãe não me contou e outras histórias da Guiné-Bissau*. Belo Horizonte: Nandyala, 2020.

BANORI, Eliseu. Entrevista com o Escritor Guineense Eliseu Banori. Entrevistadora Amanda da Silveira Lopes. *Farol das palavras*, [S.l.], 4 maio 2021. Disponível em:<https://faroldaspalavras.com/publicacoes/entrevista-com-o-escritor-guineense-eliseu-banori/>. Acesso em: out. 2021.



BRASIL

MOÇAMBIQUE

A HUMANIDADE DOS CROCODILOS EM ALDEIA DOS CROCODILOS

Milena Batista Bráz

Eliane Debus

O livro *Na Aldeia dos Crocodilos*, de Adelino Timóteo (2016), ilustrado a partir das pinturas de Silva Dunduro, é o sétimo livro que integra a Coleção “Contos de Moçambique”, a qual é composta por 10 livros e faz parte de um projeto desenvolvido junto à Escola Portuguesa de Moçambique e à *Fundació Contes pel Món*, de Barcelona, na Espanha, que tem como fim trazer para o registro escrito as histórias da tradição oral de Moçambique reapresentadas, com fins inusitados, sem perder o foco de trazer ao leitor diversos conhecimentos culturais, históricos e artísticos do país. Publicado originalmente em Moçambique no ano de 2013, recebe edição brasileira pela chancela da Editora Kapula (SP), em 2017, no Brasil.

O livro impresso, com medidas de 21 centímetros de altura por 21 centímetros de largura, contém 32 páginas. Em Moçambique, possui dois formatos impressos: capa dura e brochura; no Brasil, a edição é em brochura. Como paratexto, encontram-se a biografia do escritor, do ilustrador, assim como um breve comentário do escritor, que expõe sua experiência de leitura sobre o texto fonte (narrativa original) e compartilha a explicação do motivo da escolha de uma história tradicional para trabalhá-la como uma releitura, preservando ou alterando algum aspecto presente no texto de partida. Como os demais títulos, o livro apresenta ao leitor, além da nova versão, o conto na sua forma original.

O escritor e ilustrador fazem parte de uma geração de autores que têm contribuído com o desenvolvimento artístico do país pós-independência, em particular, a partir da década de 1990. Adelino

Timóteo nasceu na Beira, cidade de Moçambique, em 3 de fevereiro de 1970. É formado na área de docência em Língua Portuguesa; em 1994, ingressou no jornalismo no *Diário de Moçambique*, onde se fez correspondente na Beira no *Seminário Savana*. Licenciado em Direito, atualmente, realiza a função de delegado do semanário Canal de Moçambique. Autor de sete livros, destaca-se *Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique* – Prêmio Nacional Revelação AEMO – e *Dos Frutos do Amor e Desamores até a Partida* – Prêmio BCI, em 2011. Venceu o Prêmio Nacional do Sindicato Nacional do Jornalismo pela melhor crônica, em 1999, além de ter realizado exposições individuais em Moçambique e Áustria.

O ilustrador Silva Dunduro nasceu no distrito do Buzi, em 25 de fevereiro de 1964. Na atualidade, reside e trabalha na Beira, cidade de Moçambique, como pesquisador sociocultural no Instituto de Investigação Sociocultural (ARPAC) (Delegação de Sofala). Colaborador do Centro Cultural Português, Professor de Desenho e Pintura, História da Arte, Antropologia e Sociologia Cultural em instituições universitárias e de formação técnico-profissional. É Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais, pela Fundação Getúlio Vargas, e licenciado em Ensino de Geografia, pela Universidade Pedagógica da Beira. Começou a carreira artística logo após a conclusão do Curso em Gráficas pela Escola Nacional de Artes Visuais de Maputo, em 1987. Trabalhou 16 anos na Casa da Cultura, impulsionando o movimento cultural da Beira. Foi um dos fundadores do Núcleo de Artes Plásticas da cidade da Beira, em 1989, e membro do Núcleo de Arte de Maputo e membro fundador da Associação Cultural “Casa do Artista”, contribuindo, assim, em diversos movimentos socioculturais no país. Já foi eleito Personalidade Cultural do Ano, iniciativa do *Diário de Moçambique*, em 1996. Trabalhou com a pintora Maria Do Karmmo de 2008 a 2009, no Palmar Atelier no Rio de Janeiro.

O conto na *Aldeia dos crocodilos* faz parte das histórias ouvidas na infância do autor, que, segundo ele, “[..] foi inspirado no Vale do

Zambeze um lugar de Moçambique onde ocorre vários tabus. Do Zambeze ouve-se falar da encarnação humana dos crocodilos” (TIMÓTEO, 2016, p. 27). A narrativa se inicia quando Mandoguinhas acompanha seu avô Boaventura (Boa) na pesca, e avistam os crocodilos tomando sol às margens do rio. Boa, como era chamado, conta ao seu neto que aqueles crocodilos, na verdade, eram *ubuntus*, que significava gente. Naquele rio, existia um espírito chamado Zuzé, que povoava as águas e surgia do fundo do rio com sua voz, encantando suas vítimas para levar ao reino das catacumbas, como aconteceu com o mais velho e antigo chefe da aldeia. No entanto, o avô também acreditava que o espírito ancestral de Mulungu (mais velho antepassado daquele lugar) o protegia do espírito de Zuzé. Apesar de atento às estórias do avô, Mandoguinhas não acreditava muito no conto dos crocodilos ubutuns.

No mesmo dia em que o avô conta a estória, um mistério acontece: “O rio habitualmente limpo turvou-se de vergonha. Ninguém viu, nem ninguém soube o que aconteceu ao avô Boa que sumiu naquela manhã, diz-se que levado pelo espírito unicórnio do amor” (TIMÓTEO, 2016, p. 5). Tomoncene, chefe da aldeia, junto com Chanaze, a feiticeira conhecida por saber se comunicar com o mundo dos crocodilos, reuniram-se com a aldeia inteira para analisar o sumiço de Boaventura. Muitas histórias foram contadas sobre os mistérios do mundo dos crocodilos. Mandoguinhas ficava se questionando como era possível tamanho conhecimento sobre o mundo oculto. Quando decide levantar questões que o deixava preocupado, Tomoncene manda-o calar, dizendo que na cultura um miúdo não podia contrariar os mais velhos.

Mandoguinhas sai dali com diversos pensamentos sobre o que estava acontecendo, vai até o rio e pega a barca de pesca que era do seu avô, mas que antes pertencia a Mulungu. Era noite de lua cheia quando Mandoguinhas ouve o canto de voz quente e começa a lutar contra o efeito, pois ao mesmo tempo se lembrava das histórias sobre o espírito de Zuzé e dos seus encantos. Sobrepondo ao canto, o menino ouve a voz de Malungu dizendo que Zuzé se apoderou do corpo de Chanaze e a

mesma era responsável por tudo que o havia acontecido. Malungu, então, conduz Mandoguinha ao longo do rio para mostrar a passagem de uma gruta de onde se avistava uma aldeia inteira onde muita gente era tida como morta, mas vivia outra vida. Em seguida, orienta o menino a convocar o exército e, assim, enfrentar o grupo de Zuzé.

No dia seguinte, pela manhã, na margem do rio, estavam os barcos do exército com Mandoguinhas e outros homens armados de arcos e azagaias, protegidos por um escudo feito de esteira. Navegaram em direção à casa da feiticeira quando, de repente, foram atacados, gerando uma grande batalha. Ainda no caminho, Mandoguinhas conseguia ouvir a voz do seu avô Boaventura, pedindo que o tivesse cuidado, porque muitos dos crocodilos eram, na verdade, pessoas capturadas. Chegando à palhota construída na fronteira entre o rio e a aldeia dos crocodilos, Chanaze recebe Mandoguinhas, como se já esperasse por ele há muito tempo. Logo depois, o menino indaga a feiticeira para saber quem era crocodilo e quem não era, pois, no caminho, encontrou humanos cultivando terras e outros que foram atingidos por as azagaias, para seu espanto eram humanos que se transformaram em crocodilos. Chanaze nega o fato de existirem homens naquele lugar, mas somente crocodilos. Sem perceber outra voz, que fala pela sua boca, dizendo que era para terem cuidado, pois Mandoguinhas poderia pensar que estaria matando crocodilos, quando, na verdade, estaria matando pessoas conhecidas. Chanaze continua amedrontando Mandoguinhas, dizendo que se contasse alguma coisa do que viu naquele lugar, nunca mais iria ver o seu avô Boa vivo.

Ao voltar para a aldeia depois do ocorrido, Mandoguinhas tinha certeza do complô entre a feiticeira Chanaze e o chefe da aldeia Tomancene que arruinaram a vida das pessoas que viviam naquele lugar. Entretanto, na volta para casa, ouve novamente a voz de Mulungu, a qual lhe dissera que não seria ele que revelaria quem era crocodilo e quem era humano. Pediu-lhe que convocasse uma reunião,

pois revelaria o nome de todos eles. No mesmo instante, surge a voz de Zuzé com seu canto doce e quente, fazendo com que o menino perdesse os sentidos. Naquele momento, o barco acabou encalhando numa ilha e o exército com medo pede proteção ao espírito Malungu, que o ajuda de forma rápida, toma a azagaia e fere Zuzé, que morre nas profundezas do rio. Mandoguinhas e o exército vencem a batalha e voltam para a aldeia. Tomocene convoca rapidamente uma nova banja para esclarecer os novos acontecimentos, mas é desmascarado. Algum tempo depois, Mandoguinhas toma posse do reino e benze todos que estavam presentes. Após o momento, solene seu avô Boa reaparece.

Ao comparar o conto *Na aldeia dos crocodilos* com a narrativa original *Ntsay Maria, a domadora de crocodilos*, percebemos que o autor preserva alguns personagens da história original, sendo eles o mais velho da aldeia e a feiticeira expressa na figura da vilã, a responsável pelos sumiços das pessoas que moravam perto das margens do rio Zambeze. Há, sim, algumas transformações com relação à trama original, contudo, no fio condutor do reconto, Timóteo busca trazer dramaticidade por meio dos conflitos entre as personagens, provocando um delicioso convite ao imaginário. Sem perder a essência do conto original, que é o de apresentar ao leitor os mistérios daquilo que está no mundo oculto, histórias sobre espírito, magia e feitiçaria, a narrativa se encerra com um desfecho feliz: o bem vencendo o mal.

O livro *Na aldeia dos crocodilos*, como as demais narrativas que compõem a Coleção “Contos de Moçambique”, possibilita ao leitor brasileiro a imersão nos contos da tradição oral oriundas do continente africano, nesse caso específico, a Literatura para infância de Moçambique.

REFERÊNCIA

TIMOTÉO, Adelino. *Na Aldeia dos Crocodilos*. Ilustração de Silva Dunduro. São Paulo: Kapulana, 2016.

DAS MUITAS HISTÓRIAS DE MOÇAMBIQUE POR ALEX DAU

Zâmbia Osório dos Santos

O galo que não cantou: e outras histórias de Moçambique, livro de Alex Dau, com projeto gráfico de Dorys Marinho e Iris Amâncio, foi publicado pela Editora Nandyala em 2019, e possui 36 páginas e dimensões de 23 centímetros por 16 centímetros. Abrindo o livro, conhecemos sobre o autor no paratexto, na primeira orelha. A guarda do livro, com fundo verde e o grafismo que se repete como demarcação do início de uma nova história a cada conto. Entre páginas brancas, verdes e pretas encontramos os contos que compõem o livro. As mudanças de fonte ao longo das histórias ditam o ritmo e a tensão na leitura, que nos permitem percorrer as narrativas que promovem reflexões sobre valores étnicos, históricos e sociopolíticos moçambicanos, as quais estão organizadas em seis contos e um glossário. O glossário demarca a distinção cultural entre os mundos de cá, o Brasil, e os de lá, Moçambique, presente nas palavras e também nos modos e nas paisagens.

Paulo Alexandre Dauto da Conceição, Alex Dau, nascido em Quelimane, província da Zambézia, região central de Moçambique, vê o gosto pela escrita surgir na escola primária, onde suas composições escritas eram elogiadas e a imersão em um espaço onde a leitura era elemento sempre presente potencializa esse gosto. Em seu meio ouvia muitas histórias que abordavam elementos do fantástico, o que mobiliza seu interesse por narrar histórias. Além de escritor, é produtor cultural, *videomaker* e ativista socioambiental. Seu primeiro livro de contos, *Reclusos do tempo*, foi publicado em 2009, pela Associação dos Escritores de Moçambique (AEMO).

Em *O galo que não cantou: e outras histórias de Moçambique* são

revelados os seguintes contos: “O galo que não cantou”, onde acompanhamos os dias de senhor Gonçalves, que possui uma carreira promissora em seu posto de trabalho e que tem a ordem de sua vida transformada pelo dia em que o galo não canta; “Yaga, o marujo” traz a narrativa de um jovem, Yaga, que se aventura sozinho nos mares pela primeira vez, tendo consigo os ensinamentos de seu pai pescador e um amuleto e, em um revés do mar, converte-se em marujo; “Prantos ao entardecer” nos apresenta a jovem Sama, seu destino amargo e o encontro com o velho Culo; em “Tia Amina” é tempo conhecermos Amina, a fazedora de chamuças, septuagenária e mãe de Antoninho, o qual pretende presenteá-la ajudando-a a realizar seu sonho estampado em um folheto; “Habitante do inóspito” apresenta a aldeia de Sogolo em polvorosa, Mambesse, o filho, que retornava depois de cinco anos desaparecido, onde “a terra estava transtornada” (DAU, 2019, p. 26,); “Contra-ataque” nos conta uma batalha, no escuro da noite, entre inimigos que são velhos conhecidos.

Nas páginas desse livro, temos o encontro da cultura da oralidade com a intimidade do fazer literário grafado, o fantástico se faz presente e os contos, com surpresas, humor e dramas do cotidiano, montam um cenário sobre o centro de Moçambique, entre cidades reais e fantasiosas, o mundo do trabalho, a violência, as saudades, os sonhos e as vitórias que invadem as histórias, tempos que se confundem entre o presente e o passado próximo. Assim, *O galo que não cantou: e outras histórias de Moçambique* lembra-nos que as histórias existem não pelos finais felizes, mas pela necessidade de contar sobre os muitos mundos que existem.

REFERÊNCIA

DAU, Alex. *O galo que não cantou: e outras histórias de Moçambique*. Belo Horizonte: Nandyala. 2019.

MWIDJA E O MARIDO QUE SE TRANSFORMOU EM HIENA

Milena Batista Bráz

Eliane Debus

O casamento misterioso de Mwidja, de Alexandre Dunduro (2017), com ilustrações de Luís Cardoso, a partir do artesanato de Orlando Mondlane, é o quarto livro da coleção “Contos de Moçambique”, publicado no Brasil em 2017 pela Editora Kapulana. Possui um formato de 21 centímetros de altura por 21 centímetros de largura e contém 32 páginas, como todo o restante da coleção.

Nos paratextos que compõem o livro está um pequeno glossário de palavras que foram destacadas no decorrer da história. Logo após, é apresentado o motivo pelo qual o autor escolheu o conto. Nesse texto, ele explica a origem do conto, o que preservou do texto fonte (narrativa original), além dos elementos importantes para tornar a narrativa cheia de conhecimentos e aprendizados. Em seguida, são trazidas as biografias do autor, do artesão e do ilustrador. Posteriormente, é revelado um pequeno texto sobre a historicidade da miçanga, elemento utilizado pelo artesão Mondlane para compor a ilustração da obra. Ao final, é possível experienciar o conto na sua forma original. Na contracapa, assim como nos outros livros da coleção “Contos de Moçambique”, há um resumo que contém as informações sobre o projeto de onde nasceu a coleção, como também um breve resumo do livro, além das informações do escritor, ilustrador e do artesão.

Alexandre Dunduro é escritor, pesquisador, ativista cultural e formado em Relações Internacionais e Diplomacia. Nascido em 1987 na cidade da Beira, capital de Sofala, norte de Moçambique, sempre foi comprometido com a ampliação do acesso à Literatura Infantil e

Juvenil em sua cidade de origem. Não à toa, é um dos fundadores do Clube da Leitura, no Instituto Superior de Relações Internacionais; tem diversas publicações em poesia, na plataforma *Lidilisha*, assim como é autor dos livros *Antologia - Aunt Mavo`s Labours: A Story from Mozambique*, *Inanna Publications*, publicado no Canadá (2014), e *Antologia – Sarjetty Maa, Siemenpuu*, editado na Finlândia (2015).

Orlando José Mondlane e Luís Cardoso fizeram um lindo trabalho na produção artística desse livro. O primeiro desenvolveu peças de artesanato com miçangas entrelaçadas ao fio de metal, o segundo finaliza com sua fotografia, materializando as ilustrações do *Casamento misterioso de Mdwija* (DUNDURO, 2017). Cardoso nasceu na cidade da Beira, no ano de 1962. Além de artista, é publicitário, desde a infância tem um interesse peculiar pelas artes: “Ainda menino, lembro-me de fechar os olhos e de colorir as histórias que me contavam, dos espíritos e das lendas, e dos animais que falavam” (DUNDURO, 2017, p. 27). Suas ilustrações estão presentes nos livros *A viagem* (v. 3), de Tatiana Pinto, e *Leona, a filha do silêncio* (v. 9), de Marcelo Panguana, que integram a “Coleção Contos de Moçambique”.

Orlando José Mondlane teve uma trajetória voltada para sua arte e quando criança iniciou suas atividades desenvolvendo brinquedos com material reciclado. No entanto, as miçangas e os objetos de arames foram os principais elementos da sua produção artística, que foi exposta na Feira Internacional de Maputo (FACIM) e vendida na Feira de Artesanato, Flores e Gastronomia de Maputo (FEIMA), mercado muito conhecido e importante na capital. Mondlane ainda trabalhou como professor no orfanato das Irmãs Missionárias Salesianas e na Escola Americana de Maputo, em ambos ensinou artesanato. Nasceu em 2 de outubro de 1980 e faleceu em 1 de outubro de 2014.

A história *Casamento misterioso de Mdwija*, de Alexandre Dunduro (2017), é rica em ensinamentos, trabalha as relações familiares, problematiza questões de gênero, aborda a importância de valores que

são passados de geração em geração e tem como texto base o conto *Ntsay*.

A narrativa tem como personagem principal Mwidja, que é de uma família humilde e conservadora e vivia na aldeia Chimbitucula. Além do seu pai e de sua mãe, ela tinha um irmão mais novo, Zwiriro, seu melhor amigo. Os dois sempre foram obedientes aos ensinamentos dos seus pais, além de muito prestativos aos afazeres domésticos. Os vizinhos de Mwidja riam deles, pois ela fazia trabalhos que socialmente não são considerados femininos, diziam que nunca se casaria e que seu irmão não se tornaria um grande caçador.

Ao atingir a idade de mulher, que na sua tradição era propícia ao casamento, Mwidja surpreende a todos, pois não queria casar-se com alguém da sua aldeia, e sim de um povoado distante. Apesar de contrários, seus pais lhe apoiariam em qualquer decisão que tomasse. Muito convicta de si, Mwidja não mudou de opinião com o passar do tempo. Na verdade, ficou bastante conhecida por essa decisão, tão falada que despertou curiosidade em povoados distantes, até chegar aos ouvidos de Nditoda, chefe da aldeia dos homens que tinham o poder de se transformarem em hienas. Não tardou, Nditoda preparou um plano para que seu único filho Mbitisse se casasse com Mwidja. Mandou os feiticeiros do seu povoado preparar uma poção que impossibilitava seu filho de se transformar em hiena enquanto estivesse em Chimbitucula, povoado de Mdwija. Encorajado pelo pai, o jovem toma a poção e logo se transforma num rapaz aparentemente bonito e com ar de bom moço.

Na aldeia, ele conhece Mdwija, e a moça imediatamente se apaixona por ele. Não demorou muito para ela decidir partir para a aldeia de Mbitisse, desrespeitando a tradição geracional, não cumprindo com uma apresentação formal do pretendente a sua família. Irredutível, a moça decide ir com o rapaz, porém, há muita aflição e sua mãe pede para que leve seu irmão junto, a fim de lhe fazer companhia. Antes de partir, seu irmão se despede dos animais. Seu

amigo flamingo, intuitivo que só, pede que Zwiriro fique atento, pois estaria em terras estranhas e poderia ser perigoso. Então, fez um pedido caso o menino entrasse em perigo: ele iria lhe socorrer, mas, para isso, deveria cantar a música “Tchekwechamwaritchanguwe, mburukahako. Tchekwechamwaritchanguwe, mburukahako, isacodiponesa” (DUNDURO, 2017, p. 12).

Ao chegar à aldeia de Mtbisise, foram recebidos por uma grande festa. Muito atento, o lugar já provocou estranhamento em Zwiriro, por ser deserto e sem árvores, mas, principalmente, por reunir diversas ossadas de animais espalhados, muito diferente de Chimbitucula. Questionando o cunhado sobre a quantidade de ossadas, o mesmo fala que eles se alimentam de carne. Não satisfeito, o menino indaga se existem muitos caçadores, então, Mtbisise mente falando que sim. Todos se preparam para dormir, porém, Zwiriro decide ficar acordado. Durante a madrugada, ele ouve um cântico misterioso: era sobre a transformação dos homens em hienas. O menino vê tudo e fica com muito medo, mas se esconde para não ser visto. Logo pela manhã relata para sua irmã tudo o que aconteceu na noite passada. Madwija não acredita e repreende o irmão, mas Zwiriro não desiste de convencê-la. Então, quando chega a noite seguinte, ele se esconde no quarto da irmã. Ao perceber o sono profundo, amarra uma corda no dedo dela para acordá-la no momento em que começasse o cântico de transformação. O plano, então, dá certo, Madwija vê tudo com seus próprios olhos, chora, fica com medo e começa a gritar.

Mtbisise, percebendo que foi descoberto, revolta-se com Mdwija e seu irmão. Ao notar que estava em perigo, o menino rapidamente se lembra do aviso de seu amigo flamingo e começa a cantar. Cantou tão alto que deixou as hienas desorientadas. Ao ouvir a canção, o flamingo vai ao encontro do seu amigo, chegando bem rápido na aldeia e consegue salvá-lo, levando-o em suas asas. Porém, Zwiriro canta novamente pedindo para que o flamingo resgate a sua irmã também.

Assim sendo, o flamingo desce com velocidade para salvar Mdwija que corria perigo. Sã e salvos, os irmãos sobrevoam nas asas do flamingo até chegar a Chimbitucula. Em casa, Zwiriro conta tudo para seus pais e, aos prantos, Mdwija pede perdão e promete não repetir tal comportamento. A família se uniu novamente!

A tradição do conto é mantida, diferente de alguns dos títulos da Coleção, que, propositadamente, revisitam o conto original para refazê-lo nos aspectos da exemplaridade.

REFERÊNCIA

DUNDURO, Alexandre. *O casamento misterioso de Mwidja*. Ilustração de Luís Cardoso e Orlando Mondlane. São Paulo: Kapulana, 2017.

O RESPEITO AO OUTRO EM O CAÇADOR DE OSSOS, DE CARLOS SANTOS E EMANUEL LIPANGA⁴

Milena Batista Bráz

Eliane Debus

O livro *O Caçador de Ossos*, escrito por Carlos dos Santos (2017) e ilustrado com fotografias das esculturas de Emanuel Lipanga, é uma reintrodução na contemporaneidade, através da escrita, de um conto da tradição oral de Moçambique. O título integra a Coleção “Contos de Moçambique”, composta de outros nove títulos, e sua publicação no país se deu no ano de 2013, recebendo a edição brasileira pela Editora Kapula (SP), em 2017. A coletânea nasce de um projeto desenvolvido em parceria com a Escola Portuguesa de Moçambique, localizada em Maputo, e a *Fundación Contes pel Món*, de Barcelona, Espanha, e posterior parceria com a editora brasileira.

O livro impresso tem a estrutura de medidas de 21 centímetros de altura por 21 centímetros de largura, contém 32 páginas. Em Moçambique, possui dois formatos impressos: capa dura e brochura; no Brasil, a edição é em brochura. Como paratexto, encontram-se a biografia do escritor e do ilustrador. Na quarta capa é divulgado o projeto que deu origem à coletânea.

Carlos dos Santos nasceu em 1962, em Lourenço Marques, hoje Maputo, capital de Moçambique. Lugar onde estudou no primário e secundário, concluindo no Instituto Médio Agrário do Chimo, em 1980. Foi professor no mesmo Instituto entre 1981 a 1982. Com o passar dos anos

4 Resenha publicada em: BRÁZ, Milena Batista. DEBUS, Eliane. O Respeito ao Outro em O Caçador de Ossos, de Carlos Santos e Emanuel Lipanga. Querubim: Revista Eletrônica de Trabalhos Científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais, n. 42, v. 9, p. 61-62, out. 2020.

exerceu a função de chefe da Repartição Provincial do Ensino Técnico-Profissional e do Diretor Provincial de Educação e Cultura, na província de Manica. É licenciado em Psicologia e Pedagogia pela Universidade Pedagógica em Maputo, em 1994. Santos publicou os romances de ficção científica *A Quinta Dimensão* (2006 e 2010), *O Pastor de Ondas* (2011), o conto juvenil *O conselho* (2007) e os infantis *Os Frutos da amizade* (2008), *As Cores da Amizade* (2011) e *Um Passeio pelo céu* (2012), tem diversos artigos divulgados em jornais nacionais.

O escultor Emanuel Lipanga nasceu em 1967, em Nangade, Cabo Delgado. Estudou até a sétima série em Ntwara, na Tanzânia. Quando foi morar em Dar Es Salaam, aprendeu com seu tio a ocupação de escultor. Morou em Moçambique com seu irmão em 1995, que também era escultor, mas foi em 1996 que teve seu próprio local para confecção de suas obras, trabalhando, atualmente, na Feira de Artesanato, Flores e Gastronomia de Maputo (FEIMA). Já participou de exposições individuais nas TDM, em 2001, e expôs na presidência. Em 2008, teve seu trabalho exposto na China, a convite do Ministério do Turismo.

O livro *O Caçador de Ossos* tem como personagem principal Sinaportar, jovem com grande fama de caçador, admirado e idolatrado por todos da aldeia: crianças, homens, mulheres e idosos, que chegavam a se reportar a ele como conselheiro devido a sua posição valorosa. Por suas mãos chegavam a fartura das caças, que ele trazia com desenvoltura para a sua gente. Por outro lado, o jovem se vangloriava de seus feitos, não tendo o espírito de caça coletiva, saindo somente com seus cães. A sua astúcia e sorte para caça faz com que muitos o considerassem como “protegido pelos espíritos de seus antepassados” (SANTOS, 2017, p. 4).

Na aldeia, em dia de festa, todos os caçadores iam para a caça, que era a maneira de garantir que teriam carne suficiente e fartura. No entanto, enquanto todos saíam em grupo, Sinaportar nunca queria companhia e isso se dava porque ele guardava um grande segredo: não era ele o provedor da caça, mas, sim, os cães herdados de seu pai. O jovem era péssimo em pontaria, não tinha capacidade de acertar um animal com

uma flecha.

Todavia, toda aquela fama estava com os dias contados. Sinaportar não cuidava devidamente dos cães quando voltavam da caça: a carne só o jovem comia, para os cães só restavam uma porção de ossos descarnados que eram misturados com farinha. Certo dia, os cães se revoltaram e decidiram que não voltariam à caça enquanto o comportamento de seu dono não mudasse. Assim, quando Sinaportar os levou para caçar, ordenou-lhes que atacassem a presa, porém, não o fizeram, simplesmente correram atrás do animal sem tentar, em nenhum momento, abatê-lo.

Sinaportar busca auxílio junto ao curandeiro da aldeia, a fim de descobrir o que estava acontecendo com os cães. Diante das perguntas “Porque é que tu vais sempre sozinho e nunca deixas ninguém acompanhar-te? Quem realmente costuma caçar? Quem é que te ajuda?” (SANTOS, 2017, p. 16), ele é obrigado a contar o seu segredo e a mudar seu comportamento com relação aos cães: precisavam ser bem alimentados, afinal, eram eles que faziam a caça e enfrentavam todos os riscos, logo, não poderiam ser esquecidos.

A partir desse dia, Sinaportar aprendeu a lição com tudo o que havia acontecido e entendeu a importância de partilhar e valorizar não somente as pessoas, mas também os animais.

Por certo, o conto dialoga com as narrativas das tradições que trazem a marca da inserção de valores, comportamentos, formas exemplares a serem seguidas. Diferente de outros títulos da Coleção, *O Caçador de Ossos* mantém a sabedoria ancestral dos mais velhos – embora, inicialmente, essa orientação seja fraturada com a figura do jovem conselheiro por suas façanhas na caça –, lembramos que é o pai que deixa os cães “caçadores” como herança, é o sábio da aldeia que orienta o jovem para solucionar seu drama pessoal: vence a voz do mais velho e a sua sabedoria.

REFERÊNCIA

SANTOS, Carlos. *O caçador de ossos*. Ilustração de Emanuel Lipanga. São Paulo: Kapulana, 2017.

OLHO POR OLHO, PRESA POR PRESA

Milena Batista Bráz
Gabriéla dos Santos
Eliane Debus

O livro *A armadilha da floresta*, de Hélder Faife (2017), com ilustrações de Mauro Manhiça, faz parte do conjunto de 10 títulos que compõem a Coleção “Contos de Moçambique”, que “[...] recolhe contos, histórias e mitos da tradição oral e são recriados e ilustrados por escritores e pintores do país” (Contracapa). A coletânea nasce de um Projeto da Escola Portuguesa de Moçambique, localizada em Maputo, com a *Fundació Contes pel Món de Barcelona*, na Espanha, e foi distribuído gratuitamente nas escolas públicas e centros infantis. Em Maputo, o livro foi publicado em 2014; no Brasil, em 2017, pela chancela da Editora Kapula (SP).

Como o restante da Coleção, o livro em tela mede 21 centímetros de altura por 21 centímetros de largura e contém 32 páginas, onde linguagem verbal e linguagem visual dialogam em constante harmonia. Em Moçambique, a obra foi editada em dois formatos impressos: capa dura e brochura; já, no Brasil, a edição é em brochura.

Como paratexto, encontram-se: a biografia do escritor e do ilustrador; comentário do escritor sobre o texto fonte “O rato e o caçador”; na quarta capa, uma citação de Nelson Mandela enfatiza o objetivo de manter viva as narrativas e o seu contar: “É desejo meu que a voz do narrador de contos nunca morra em África, que as crianças nunca percam a capacidade de ampliar os seus horizontes do mundo com a magia dos relatos”.

O escritor Hélder Faife nasceu em Maputo em 1974, é publicitário e artista plástico, além disso, é membro da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO). As ilustrações foram feitas por Mauro Manhiça, também publicitário e artista plástico, nascido em Maputo em 1980, o qual participa de projetos para campanhas publicitárias e parcerias com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

A releitura do conto “O rato e o caçador”, oriundo da tradição oral, é muito próxima do texto fonte. Isto é, não há uma reconstrução

contemporânea do conto no que diz respeito às características de exemplaridade como em outros títulos da coleção. Faife (2017) reescreve o conto valorizando os aspectos da preservação do meio ambiente e a relação do homem com a natureza.

A descrição da natureza exuberante e como ela é afetada pela mão humana é retratada pelo silêncio dos pássaros, que, por sua vez, desestruturam a rotina da floresta, exigindo que o rei da floresta, o leão, invista em tentativas de salvamento do seu território e das ameaças do “bicho homem”. A história conta como o homem pode ser pego nas suas próprias armadilhas quando tenta se apropriar do que não é seu. Em uma disputa de autoridade, leão e homem são apaziguados pelo rato, que encontra a solução para ambos.

Se o conto em sua origem se detém nas disputas entre os poderosos (homem e leões) vencidas pela astúcia dos menores, nesse caso, um pequeno rato, na releitura, sem deixar de trazer essa querela, o foco recai sobre a preservação da natureza.

Vale ressaltar a importância da aproximação dos leitores brasileiros com essas narrativas originárias do continente africano, nesse contexto de Moçambique, a colaborar para a ampliação do repertório, demarcando outros lugares de autoria. Essas narrativas nos chegam e são acolhidas como possibilidades de diálogos com a Lei no 11.645/2008, que traz a obrigatoriedade de estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados (BRASIL, 2008).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: mar. 2020.

FAIFE, Hélder. *As armadilhas da floresta*. Ilustração de Mauro Manhiça. São Paulo: Kapulana, 2017.

LEONA E O INUSITADO AMOR PELO PASTORINHO⁵

Suelen Amorim Ferreira

Milena Batista Bráz

Eliane Debus

A publicação de livros literários para infância em Moçambique tem se ampliado nos últimos 10 anos. Sem sombra de dúvidas, a Escola Portuguesa de Moçambique tem contribuído com edições cuidadosas, bem construídas esteticamente, no que diz respeito à linguagem verbal, visual e gráfica. Nesse contexto, destaca-se a coleção “Contos de Moçambique”, composta por 10 volumes que recontam histórias da tradição oral e de autoria de escritores e ilustradores do país, trazendo recontos de narrativas da tradição oral que revelam a pluralidade e diversidade cultural.

Nesta resenha, debruçamo-nos sobre o livro *Leona, a filha do silêncio*, de Marcelo Panguana (2018), com ilustrações de Luís Cardoso, trazido a público pela Escola Portuguesa de Moçambique em parceria com a *Fundació Contes pel Món*, Espanha. Publicado originalmente em Moçambique no ano de 2010, recebe edição brasileira pela chancela da Editora Kapula (SP), em 2018.

Os livros da coleção são estruturados com medidas de 21 centímetros de altura por 21 centímetros de largura, contendo 32 páginas. Em Moçambique, possui dois formatos impressos: capa dura e brochura; no Brasil, a edição é em brochura. Como paratexto, encontram-se a biografia do escritor, do ilustrador, um breve comentário do escritor que expõe sua experiência de leitura sobre o

5 Resenha publicada em: FERREIRA, Suelen Amorim. BRAZ, Milena Batista; DEBUS, Eliane. *Leona e o inusitado amor pelo pastorinho*. Revista Saberes Pedagógicos. Criciúma: UNESC, 2020.

texto fonte (narrativa original), assim como compartilha a explicação do motivo da escolha de uma história tradicional para trabalhá-la como uma releitura, apresentando ao leitor, além da nova versão, o conto na sua forma original; na quarta capa, são apresentadas informações sobre o projeto que deu origem a coletânea.

Marcelo Panguana nasceu na cidade de São Lourenço Marques (hoje Maputo), em 1951, com inúmeras obras e prêmios literários, o autor presenteia-nos com um reconto cheio de fantasia, poesia e uma curiosa história de amor. O ilustrador Luís Cardoso nasceu na Cidade da Beira (Moçambique), em 1962, atua junto ao meio de artes e cultura mediante a sua segunda formação em Design Gráfico. Na narrativa *Leona, a filha do silêncio*, suas ilustrações retratam o brincar das vivas cores e os símbolos ligados às frases que ecoam como suspiros dos personagens.

A narrativa tem como protagonista Leona, uma pequena leoa em idade de casar, que vive num lugar de mil encantos, onde havia harmonia sem fim. O cenário de mata enreda o desconsolo de Leona, que, pelos cantos, mantinha-se distante de tudo e de todos: até a chegada de seus aspirantes a marido “Nada lhe interessava. Nem a sedutora vertigem do amor. Nem a alegria do riso. Muito menos o conforto da conversa” (PANGUANA, 2018, p. 6).

Um dia, os pais de Leona viajaram para terras distantes e trouxeram um vestido de noiva tão branco como a neve e também uma promessa: seu pai, o Leão, prometera sua mão (ou patas) em casamento aquele capaz de devolver a fala de sua filha. Leona, silenciosa e triste, olhava para o vestido e lembrava-se do dono de sua amargura sem fim: o pastorinho de olhos azuis.

Impossível não se emocionar com tamanha tristeza de Leona, que se apaixonara pelo pastorinho com chapéu de hiena, que vagava incessantemente em busca de seu bode com chifres de ouro. Com a “despromessa” de um amor não correspondido, Leona passou a ser a filha do silêncio. Agora, seus dias são tão desalegres quanto um

pássaro sem canto, e só voltará a falar com o retorno do pastorinho e seu bode com chifres dourados.

A narrativa nos envolve a empreitada de Leona no reencontro com quem roubara seu falar e o coração, assim como vislumbramos a prudência do pastorinho em sua empreitada na procura daquele que guarda os segredos destino: o bode.

Em busca de casamento, vários animais chegavam à floresta trazendo os mais belos e inusitados presentes na tentativa de, enfim, fazer com que Leona falasse. Até mesmo homens de muitos lugares, de terras distantes, todos com investidas fortunas e habilidades, “Capazes de lutar e morrer por ela” (PANGUANA, 2018, p. 13), Leona nada dizia, sempre silenciosa e distante percorria seu olhar ao longe na esperança do pastorinho.

A fase da colheita se anunciava, onde, debaixo do sol, acontece um mutirão: uns contribuindo com deliciosas merendas, outros com cantos e histórias enveredavam o intervalo. No entanto, Leona não se entregava. Seguia ela silenciosa e de olhar distante, que seguia até bem longe, tão longe até perder-se do local da colheita.

Até que, estranhamente, encontra o bode com chifres de ouro e, com ele, a esperança de rever o pastorinho. Sem hesitar, Leona faz seu pedido ao bode mágico, que, como pura mágica, traz-lhe de volta seu amado. Leona então retoma sua alegria, sua voz ecoa a todos na colheita, onde, mesmo longe, ouviam sem acreditar. O leão entrega a mão de Leona para o pastorinho e juntos vão felizes pela floresta.

A narrativa compõe a sinergia entre animais e homens e nos coloca a torcer pelo fim do sofrimento de Leona com a espera de seu amado pastorinho, que, por sua vez, vai em busca do bode de chifres de ouro. Com uma escrita poética e envolvente, o relato é um convite à imaginação. Nas suas páginas, o grafismo retrata culturas e personagens significativos à trama. No final do livro, é possível conhecer o conto em sua forma original. Nas palavras do autor Marcelo Panguana, *Leona, a filha do silêncio* “[...] sugere o amor como

forma de ressuscitar a alegria e fala da filha do leão. Que ele, o amor, tudo pode” (PANGUANA, 2018, p. 27).

A chegada desse título ao Brasil, em 2018, encerra com chave de ouro a publicação dos 10 títulos da coleção, possibilitando ao leitor brasileiro o acesso à leitura das obras e a conhecer a Literatura contemporaneíssima para infância publicada em Moçambique. As publicações oriundas dos contextos do continente africano, por certo, colaboram para o fortalecimento das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 (BRASIL, 2003, 2008), que trazem para o cenário educacional a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e, por consequência, para o mercado editorial a confluência de títulos que possibilitem ao leitor a ampliação do seu repertório.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 8 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2020.

PANGUANA, Marcelo. *Leona, a filha do silêncio*. Ilustração de Luís Cardoso. São Paulo: Kapulana, 2018.

A INADIÁVEL REINVENÇÃO DA PALAVRA

Waleska Regina Becker Coelho De Franceschi

[...]
para que serve a palavra polida?
é para aquecer os sonhos
que esfriam com a idade
porque ao verbo tudo pertence
(BRITO, 2019, p.9)

A poética da escrita de Mauro Brito (2019a) no livro *O Luminoso Voo das Palavras* é apresentada em uma transbordante suavidade afetiva de memórias e percepção sensível da existência humana, possibilitando ao leitor uma experiência estética na soltura e significado das palavras. É nessa liberdade textual que os poemas compõem uma obra impregnada de detalhes culturais e de possibilidades de leitura sensorial como “[...] sons que os fins de tarde escrevem nas praças com pincéis do nosso DNA” (BRITO, 2019a, p. 29).

O escritor e ativista ambiental de família crioulo-moçambicana nasceu em Nampula em 1990, estudou contabilidade, tornou-se piloto de aeronaves e teve experiências com as diferentes linguagens artísticas, entre elas, o teatro e a dança, e é nessa abrangente trajetória que sua escrita é concebida.

Mauro Brito que iniciou suas publicações em 2017 com a sua primeira coletânea poética *Passos de Magia ao Sol*, apresentando ao público, além das duas edições do seu segundo título *O Luminoso Voo das Palavras*, realizadas por diferentes editoras, uma publicação lançada em 2021, no gênero conto, intitulada *A estranha metamorfose de Thandi*.

O Luminoso Voo das Palavras contém ilustrações do moçambicano Celso Yok Chan, que é autodidata. Apresenta em sua criação um

tracajar contemporâneo, através da técnica de esboçar de forma livre sem remover a caneta do papel, comunicando ao leitor imagético a continuidade do design e da inspiração.

A primeira edição foi realizada em Moçambique pela Editora Kuvaninga; a segunda edição foi realizada no Brasil pela Editora Katarina Kartonera, a qual segue a mesma proposição da primeira edição de feitura artesanal. Inicialmente, foi realizada uma tiragem de 100 exemplares, em parceria com o Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (Literalise) e as/os bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A edição brasileira teve o lançamento no 8º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (VIII SLIJ) e IV Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (IV SELIPRAM): (R)es(x)istências Literárias na Contemporaneidade, na UFSC, no campus da Trindade, em Florianópolis.

Nesse livro, o autor apresenta uma linguagem repleta de significados e de possibilidades de articulação com as diferentes linguagens artísticas. Em entrevista concedida a Hélio Nguane, ele afirma: “Gosto do verso livre. Neste livro, os meus poemas não estão presos aos títulos, deixei eles soltos, para que se comuniquem, se conectem, quando lidos e compreendido”(BRITO, 2019b).

Pensado para o público infantil e juvenil, o livro possui o diferencial de ter os seus exemplares com capas originais e únicas. No Brasil, o livro tem 36 páginas, possui a capa em técnica de cartonagem com papelão recuperado ecologicamente e miolo em folhas sulfite brancas costuradas artesanalmente. Além disso, foi concebida por iniciativa da escritora, pesquisadora e professora Eliane Debus, contém além dos belíssimos poemas de Mauro Brito e a sua dedicatória aos familiares, a apresentação de Dionísio Bahulee o texto da equipe Kuvaninga sobre o Projecto-escola, que constavam como pré-textos na edição moçambicana, com acréscimo do prefácio escrito

por Eliane Debus, que apresenta, de forma sucinta, e poética o surgimento do projeto de edição e sua concepção em solo brasileiro.

O autor Mauro Brito, que se dedica a escrever para crianças e jovens, apresenta nessa obra uma linguagem repleta de significados e de possibilidades de articulação com as diferentes linguagens artísticas, presenteando o leitor com palavras luminosas e inspiradoras como nos versos pulsantes de sonoridades:

[...] quando chove são as nuvens a
renovar as lembranças
histórias cantadas
ao sabor das timbilas
e do Xiquitsi e do Xitende (BRITO, 2019a, p. 19)

REFERÊNCIAS

BRITO, Mauro. *O luminoso voo das palavras*. Florianópolis: Katarina Kartonera, 2019a.

BRITO, Mauro. Os luminosos voos de Mauro Brito. Entrevista realizada por Hélio Nguane. *Mbenga: artes e reflexão*, Maputo, 30 jul. 2019b. Disponível em: <https://mbenga.co.mz/blog/2019/07/30/os-luminosos-voos-de-mauro-brito/>. Acesso em: nov. 2021.

UM BEIJO AO MAR PARA CONHECER O INFINITO

Maria Laura Pozzobon Spengler

Em *O beijo da Palavrinha*, Mia Couto (2006) e Malangatana nos convidam a conhecer Moçambique mais intimamente, ao contar a história de Maria Poeirinha, uma menina que vive em uma aldeia no interior do país, e seu sonho é conhecer o MAR. Toda a grandeza da palavra conduz-nos para também conhecer com ela. Quando a menina estava muito doente é levada a conhecer o mar pelas explicações do irmão Zeca Zonzo, que, ao escrever cada uma das letras na palma da mão da pequena, fala das emoções que o oceano provoca em quem o vê.

O irmão tem o nome Zeca Zonzo, porque, a exemplo de um poeta, “[...] era desprovido de juízo. Cabeça sempre no ar, as ideias lhe voavam como balões em fim de festa” (COUTO, 2006, p. 5). Quem também provoca a curiosidade para conhecer o mar é o tio Jaime Litorâneo, que acha grave que a família nunca o tenha visto, já “[...] que a ele o mar lhe havia aberto a porta para o infinito” (COUTO, 2006, p. 10-11).

Assim, é guiando o dedo da menina pela palma de sua mão, que Zeca Zonzo lhe dá a conhecer o mar, a letra M, “líquidas linhas que sobem e descem”, “feita por ondas” (COUTO, 2006, p. 22), seguida pela letra A, que “é uma ave, uma gaivota” (COUTO, 2006, p. 22), para, enfim, chegar à letra R, que é “[...] tirada de pedra. É o ‘r’ da rocha” (COUTO, 2006, p. 25).

Em sua edição brasileira, publicado pela Editora Língua Geral, em 2006, é de brochura, tem 32 páginas, mede 21 centímetros de comprimento por 20 centímetros de altura e compõe a coleção Mama África, com títulos de Mia Couto e outros autores africanos, como José Eduardo Agualusa, Nelson Saúte e Zetho Gonçalves, e ainda ilustradores, como os moçambicanos Malangatana e Roberto Chichorro e do angolano António Ole (STRECKER, 2006).

Nas ilustrações do livro, Malangatana, importante artista plástico, apresenta-nos uma exposição de arte africana, que, em telas, dão vida às ilustrações, trazendo as cores, elementos como turbantes e símbolos gráficos daquela cultura. No projeto gráfico, a escolha da tipografia também é destaque nessa narrativa, quando, logo na primeira página, ao apresentar a protagonista, seu nome é escrito com a letra em tamanho menor que o restante do texto no mesmo espaço, demarcando a condição da pequenez da menina Maria Poerinha, tanto no tamanho quanto na sua condição, pois, na sequência, o autor fala que “ela e a família eram muito pobres” (COUTO, 2006, p. 5), ou que “Até Poeirinha tinha sonhos pequenos, mais de areia do que castelos” (COUTO, 2006, p. 9). Além disso, o infinito apresentado por Jaime Litorâneo, em que o tamanho da letra, muito maior que as demais, dá ao leitor a dimensão do infinito trazido pelo mar.

A ilustração de Malangatana para cada uma das páginas dá relevo e textura ao texto verbal de Mia Couto, em que rostos de figuras humanas são expostos em repetição, olhos expressivos que nos encaram e nos convidam para adentrarmos juntos no sofrimento de Maria Poeirinha e da família. Desse modo, ao conviver com a temática brutal da morte, aprendemos simbolicamente, leitores de todas as idades, sobre a dor da perda e as fragilidades humanas.

Ao final do livro, nos é apresentado um paratexto com as imagens em tamanho reduzido das telas produzidas por Malangatana que se transformaram nas ilustrações da narrativa, cujos títulos ecoam cada uma das passagens do livro, e dão a dimensão do conjunto plástico e cromático escolhido pelo artista.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. O beijo da Palavrinha. Ilustração de Malangatana. Rio de Janeiro. Editora Língua Geral, 2006.

STRECKER, Marcos. Editora aposta em africanos e portugueses. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 out. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2810200610.htm>. Acesso em: mar. 2020.

QUANDO UMA HISTÓRIA TEM DOIS PROTAGONISTAS: O GATO E O ESCURO

Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira

Invento histórias para que a Terra inteira adormeça e sonhe. O escritor traria, assim, o planeta ao colo. (COUTO, 2008, p.7).

O gato e o escuro, de Mia Couto (2008), inicia com uma apresentação acerca da narrativa e do gênero “livro infantil”. O escritor nos confidencia que nunca acreditou que escreveria histórias infantis, pois não vê muito sentido na fronteira estabelecida entre Literatura para adultos e para crianças. Acredita, porém, que a força presente na contação dedicada aos próprios filhos fez transbordar histórias para além do seu aconchego familiar. Assim, *O gato e o escuro* é uma dessas histórias, já que extrapola as fronteiras do âmbito privado, instala-se num livro e vai ao encontro de crianças de todas as idades e de todos os lugares para conversar com elas sobre seus medos, seus escuros e também sobre aquele ímpeto transgressor que as acompanha na meninice.

O gato e o escuro protagonizam a mesma história: o gato é personificado, simboliza a criança; o escuro, segundo personagem mais importante, ganha personalidade para representar o medo. Ao referenciá-los dessa forma, essa narrativa, que transita entre a fábula e o conto, abre espaço para reflexões acerca de conceitos e comportamentos humanos. Uma história que nasce, como seu autor, numa pequena cidade situada à beira do Oceano Índico, num país africano chamado Moçambique. A maior parte dos habitantes da cidade não sabe ler nem escrever, “Mas eles sabem contar histórias. E sabem escutar. São pessoas que guardam essa meninice dentro de si e acreditam que esse olhar de criança é importante para ser feliz e

produzir felicidade aos outros” (COUTO, 2008, p. 38). É uma história que chega devagarinho, acariciando e, ao longo do enredo, vai tocar profundamente seus ouvintes e/ou leitores.

O livro foi publicado inicialmente em Portugal. No Brasil, a edição é de 2008 e foi feita pela Companhia das Letrinhas. A ilustração é puro encantamento. As luzes são lançadas e criam imagens poéticas que se põem em movimento para acompanhar Pinalgato, o gatinho que passeia pela “linha onde o dia faz fronteira com a noite” (COUTO, 2008, p. 9). É assim que Marília Castanha, premiada ilustradora mineira, apresenta-nos não apenas os protagonistas de Mia Couto em suas aventuras, mas o cenário afetivo que fazem nossos olhos “pirimlampiscar” com um universo de cores fortes que brincam entre os tons brilhantes, os tons aveludados e a ausência de luz, o escuro.

A qualidade material do suporte merece destaque. O formato retangular de 21 centímetros de largura por 28 centímetros de altura, a capa fosca e o miolo liso e um pouco mais brilhante favorecem o manuseio e a visualidade, tanto para a leitura das imagens quanto para a fruição da narrativa, ambas perfeitamente harmonizadas no preenchimento dos espaços nas páginas que o compõe. A capa já anuncia ao leitor que pretende contar a história de um gato amarelo com malhas e pintas brancas. A contracapa antecipa um fragmento da narrativa nos convidando para saber o motivo pelo qual esse gato não tem mais aquela cor. O conjunto imagético formado por capa e contracapa aparece mais uma vez dentro do livro para mostrar o exato momento em que o gatinho “[...] inspirou coragem e passou uma perna para o lado de lá, onde a noite se enrosca a dormir. Foi ganhando mais confiança e, de cada vez, se adentrou um bocadinho. Até que a metade dele já passava a fronteira para além do limite” (COUTO, 2008, p. 13). A narrativa provoca o leitor a pensar nos seus medos e seus escuros – e o convida a ultrapassá-los.

O diálogo entre narrativa e imagem é mais que harmonioso, é de cumplicidade e conagração. Somos conduzidos pelo universo das

metáforas e podemos seguir e sentir cada passo de Pintalgato rumo ao outro lado da luz. A apreensão de sua mãe é também a nossa, pois além do bichano não recuar, faz parte do percurso de olhos fechados e, somente “[...] quando desaguou na outra margem do tempo ele ousou desperciñar os olhos [...] então] olhou o corpo e viu que já nem a si se via. Que aconteceu? Virara cego? Por que razão o mundo se embrulhava num pano preto?” (COUTO, 2008, p. 16). O gatinho chorou e chorou e, ao se colocar num desfile de queixas e tristezas, percebe que não é o escuro que nos dá medo, mas que “Somos nós que enchemos o escuro com nossos medos” (COUTO, 2008, p. 27). Percebe também que ‘coitado’ é o escuro, pois “ele se entristecia de não enxergar os lindos olhos do bichano. Nem os seus mesmos ele distinguia, olhos pretos em corpo negro” (COUTO, 2008, p. 18).

A tristeza do escuro em razão de ter um corpo negro se torna ainda mais intensa e aponta outros elementos como a rejeição e o não-lugar: “- Sou feio. Não há quem goste de mim”; “não figuro nem no arco-íris” (COUTO, 2008, p. 25). Agora não é mais Pintalgato que chora, mas o escuro. Sua negritude, embora sofrida, é apresentada de modo poético e a redenção surge do amor maternal. Aparece a mãe gata que sorri bondades e ronrona ternuras. Ela pode o colocar no colo e fazer tantas e tão generosas carícias capazes de fazê-lo adormecer. Aqui encontramos uma mãe que não é apenas a mãe de um gato desobediente: “O espanto ainda o abraçava quando escutou a voz da gata grande: - Você quer ser meu filho?” (COUTO, 2008, p. 31). Com quem ela estaria falando? Pintalgatito acabara de ganhar um improvável irmão e conseguia ver por meio da estreitinha fenda preta dos olhos de sua mãe “[...] uma estranheza antes nunca reparada. Quando olhava o escuro, a mãe ficava com os olhos pretos. Pareciam cheios de escuro. Como se engravidassem de breu, a abarrotar de pupilas” (COUTO, 2008, p.34). Isso era verdade? Ou Pintalgato estaria apenas sonhando?

Essa história de Mia Couto (2008) transita entre o dia e a noite,

entre realidade e ficção. Ela problematiza os medos humanos. Segundo o autor, a maior parte deles foi fabricada para nos limitar, para impedir que atravessemos a linha do horizonte – esses medos inventados aniquilam a nossa curiosidade, nos imobilizam e, a menos que sejamos ousados, nunca iremos além do “pôr de algum Sol”.

Em *O gato e o escuro*, o Pintalgato simboliza a criança, seus medos e seus desejos. Ele personifica valores, como o afeto, a aceitação da diferença, a tolerância e a autoafirmação. É uma história grande e bonita que convida adultos e crianças a revisitar o escuro que há dentro de cada um e a perceber que cada elemento ali presente é, tão somente, uma invenção humana.

REFERÊNCIA

COUTO, Mia. *O gato e o escuro*. Ilustração de Marilda Castanha. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

A ÁGUA E A ÁGUIA, UMA HISTÓRIA SOBRE A CALIGRAFIA DA VIDA

Caroline Machado

O livro *A água e a águia*, com texto de Mia Couto e ilustrações de Danuta Wojciechowska, foi publicado em setembro de 2018, em Portugal, pela Editorial Caminho. No ano seguinte, o livro ganhou uma edição brasileira pela Companhia das Letrinhas.

Inicialmente encomendado para se constituir como uma publicação que apresentasse o sistema de vogais para as crianças, conforme informação conferida por Mia Couto durante a apresentação do livro, em novembro de 2018, no evento Braga em Risco (Portugal), resultou numa narrativa poética que revela a relação entre as palavras, o mundo e a natureza. Na ocasião, autor e ilustradora ministraram oficinas sobre como escrever e ilustrar para as crianças, partilhando alguns aspectos da composição dessa e de outras obras.

Mia Couto destacou que, quando tem um projeto de livro para crianças, imediatamente pensa em Danuta para ilustrá-lo, ou melhor, para construí-lo em conjunto, enfatizando sua habilidade em colocar em diálogo desenho, verbo, cor. A ilustradora ressalta que os livros dos dois são resultado de muita conversa para elaborar as ilustrações, de modo a dialogar com o texto verbal. *A água e a águia*, inclusive, é o quinto livro que nasce dessa parceria, além de *O menino no sapatinho*, *O beijo da Palavrinha*, *A Chuva Pasmada* e *O gato e o escuro*.

Danuta nasceu no Canadá, morou em Zurique, estudou na Inglaterra e hoje mora em Portugal. É formada em design de comunicação, tem se dedicado a ilustrar livros para crianças e recebeu, dentre outros, o Prêmio Nacional de Ilustração, em 2003, e a distinção Mulheres Criadoras de Cultura, em 2004, ambos os prêmios

portugueses.

Mia Couto é natural de Moçambique, foi jornalista e professor e, atualmente, apresenta-se como biólogo e escritor. Escreveu livros para adultos e crianças, muitos deles traduzidos para diversos idiomas, recebendo inúmeras premiações, das quais se destacam: Prêmio Vergílio Ferreira (1999) e Prêmio União Latina de Literaturas Românicas (2007), ambos pelo conjunto da obra. Em 2013, foi galardoado com o Prêmio Camões e com o Neustadt e seu livro *Terra Sonâmbula* foi considerado um dos melhores livros africanos do século XX.

O escritor lança mão nesse conto infantil de uma singular lírica para convidar as crianças a perceber que é possível brincar com a linguagem, uma vez que os personagens reconhecem que são feitos de vogais. Sua intenção é que as crianças aprendam a criar histórias a partir desse jogo com as palavras e que essas histórias possam se constituir como motes para o encontro e diálogo entre gerações, que veem cada vez mais regredir os espaços de trocas e partilhas de histórias.

A água e a águia consiste num conto que se caracteriza pela mescla de tristeza e esperança, sentimentos realçados pelas ilustrações que remetem ao fogo, marcadas pelo tom laranja, e à água, destacadas pelas tonalidades de azul que predominam nas páginas do livro.

A narrativa inicia com uma belíssima metáfora sobre a passagem do tempo: “Aconteceu quando não era ainda uma vez”. As águias são retratadas como as donas do mundo, reguladoras dessa temporalidade e guardiãs das águas. De repente, as páginas do livro são marcadas pelo tom alaranjado quando a seca se instala: “a chuva esqueceu-se de acontecer”. Árvores e bichos adoecem e as águias tombam dos céus sem vida.

É a sabedoria, retratada pela águia mais velha, que indica a saída para aquela terrível situação de sede, seca e morte. Ao devorar o “i” de seu nome, a palavra “águia” se transforma em “água” e o pássaro bebe

o líquido. As outras aves imitam a mais velha, vencendo a sede, mas não a seca, o que faz com que passem a devorar também todo “i” dos “rios” que encontravam. Como a situação de seca perdura, a águia mais velha reúne todas as aves para questioná-las sobre a letra “i” e, após várias tentativas de significação, ela revela que a letra “i” era uma mulher carregando água à cabeça e que as águias precisariam regurgitar essa mulher, devolvendo todos os “is” devorados ao rio.

É a velha águia a primeira a precipitar de uma enorme montanha, emitindo um longo e estridente grito: “iiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!” Esse piar guarda até hoje letrinhas como gotas de chuva, mulheres carregando água ou a caligrafia da Vida. Nesse momento, as páginas voltam a ser tingidas por diferentes matizes de azul.

O livro foi incluído no Clube de Leitura com temáticas ligadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) em Língua Portuguesa, no ano de 2021. Poesia e natureza estão ligadas desde a origem dos tempos e dessa narrativa, indicando às crianças e a todos os leitores que devem permanecer emparelhadas, em diálogo.

REFERÊNCIA

COUTO, Mia. *A água e a águia*. Ilustração de Danuta Wojciechowska. Alfragide, PT: Caminho, 2018.

A MORADA DA MEMÓRIA EM PÁTIO DAS SOMBRAS, DE MIA COUTO⁶

Etelvino Manuel Raul Guila

Milena Batista Bráz

Eliane Debus

O livro *Pátio das sombras* é de autoria do escritor moçambicano António Emílio Leite Couto (2018), conhecido internacionalmente pelo pseudônimo de Mia Couto, e do ilustrador, também moçambicano, Malangatana Valente Ngwenha. A obra faz parte do conjunto de 10 títulos integrados ao projeto “Contos e Histórias de Moçambique”, que surge da colaboração entre a Escola Portuguesa de Maputo Centro de Ensino e Língua Português (EPM-CELP) e a *Fundació Contes pel Món*, de Barcelona, e tem como objetivo principal divulgar, por meio de contos da tradição, o rico manancial do imaginário popular moçambicano e apresentá-los às crianças.

A coleção recebeu a coordenação editorial de Teresa Noronha (EPM-CELP) e Ruth Banón Méndez (Fundação), e foi publicada em Maputo, Moçambique, entre os anos de 2009 a 2014. O título *O pátio das Sombras* foi o primeiro a ser publicado em Moçambique em 2009. No Brasil, a coleção recebeu a denominação de “Contos de Moçambique” pela editora Kapulana, que publicou entre os anos de 2016 a 2018. Aqui, o livro de Mia Couto foi um dos últimos a ser lançado, em 2018, sendo vencedor do prêmio de melhor livro para infância de Literatura em língua portuguesa, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e

6 Resenha publicada em: GUILA, Etelvino Manuel Raul. BRÁZ, Milena Batista. DEBUS, Eliane. A morada da memória em pátio das sombras, de Mia Couto. Movimento, Niterói, RJ, v. 7, n. 15, 23 dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/44603/27711>. Acesso em: 7 dez. 2021.

Juvenil (FNLIJ).

O livro impresso, como todos os outros da Coleção, tem medidas de 21 centímetros de altura por 21 centímetros de largura e 32 páginas. Em Moçambique, possui dois formatos impressos: capa dura e brochura; no Brasil, a edição é em brochura. Como paratexto, encontra-se um breve comentário do escritor, que expõe sua experiência de leitura sobre o texto fonte (narrativa original) e compartilha a explicação do motivo da escolha de uma história tradicional para trabalhá-la como uma releitura, preservando ou alterando algum aspecto presente no texto de partida. Além disso, é apresentada a biografia do ilustrador e do escritor. O livro apresenta ao leitor, além da nova versão, o conto na sua forma original. Na quarta capa, aparecem informações sobre o projeto que deu origem para a realização da coletânea.

O escritor da narrativa, Mia Couto, nasceu em 1955, na cidade da Beira, capital provincial de Sofala, na região central de Moçambique. Ele afirma ter herdado do pai, o escritor português-moçambicano Fernando Leite Couto, a veia poética e, da mãe, o gosto por contar histórias. É formado em Biologia e exerceu por um tempo o trabalho de jornalista em diversos órgãos de informação nos anos que se seguiram à independência de Moçambique, em junho de 1975, assumindo, em muitos deles, a função de diretor. Ele estreou no mundo da Literatura com a obra de poemas *A raiz do orvalho*, no ano de 1983. No entanto, ressalta-se que é como contista e romancista que mais se destaca.

Mia Couto é um dos escritores mais emblemáticos da Literatura moçambicana, a par de José Craveirinha, Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, Ungulani Ba Ka Khosa, entre outros. A sua vasta obra oportunizou que ganhasse os seguintes prêmios: Prêmio Virgílio Ferreira, em 1999; Prêmio Mário António, em 2001; Prêmios União Latina de Literatura Românica e Passo Fundo Zaffari e Bourbon da Literatura, em 2007; Prêmio Eduardo Lourenço, 2011; Prêmio Camões,

2013; e Prêmio Literário Internacional Neustadt, em 2014. No seu país de origem, foi galardoado com o Prêmio José Craveirinha e recebeu o Prêmio de melhor romance, em 2004, da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO). Salienta-se que, do seu vasto acervo, o romance *Terra sonâmbula* (1992) foi considerado um dos 12 melhores romances africanos do século XX. Para a infância, o escritor publicou, além do título em tela, os livros *O gato e o escuro* (2008), *O beijo da palavrinha* (2008), *O menino no sapatinho* (2013), *A água e a águia* (2018).

Malangantana Ngwenya, ícone das artes plásticas moçambicanas, nasceu em Matalana, distrito de Marracuene, na província de Maputo, Sul de Moçambique, em 1936. Trabalhou como criado e gandula antes de ser encorajado a desenhar e pintar pelo biólogo Augusto Cabral e, posteriormente, pelo arquiteto Pancho Miranda Guedes. Teve a sua primeira obra exposta em 1959, no salão de Artes Plásticas de, então, Lourenço Marques (Maputo), e a sua primeira exposição em 1961. Trata-se de uma personalidade eclética com reconhecimento em várias atividades: desenho, aquarela, tapeçaria, cerâmica, gravura, escultura monumental em ferro e em cimento, em murais, na poesia, no canto, na dramaturgia e na dança. Fez parte da criação do Museu Nacional de Arte, da Escola Nacional de Artes Visuais, Centro Cultural de Matalane, entre outras instituições. Foi galardoado com o prêmio de pintura “Comemorações de Lourenço Marques”, em 1962; diploma de Medalha de Mérito da Academia Tommasco Campanella de Artes e Ciências, em 1970; medalha Nachingwea, em 1984; prêmio da Secção Portuguesa da *Association Internationale des Critiques d'Art*, em 1989; Ordem Eduardo Mondlane de Primeiro Grau, em 2006; doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade Politécnica de Moçambique, em 2007, e pela Universidade Évora, em 2010.

Levados a conhecer um pouco dos autores (escritor e ilustrador), voltamos ao título *Pátio das sombras*, trazendo a informação de que a narrativa tem como base um conto original da etnia Maconde, localizada na região setentrional do país africano, Moçambique, e

constitui o leque de grupos que corporificam o mosaico étnico do país. Desse modo, de forma ficcionalizada, um assunto relacionado ao cotidiano de um povo, o moçambicano, sobressaindo aspectos que nos remetem à religiosidade e ao tratamento dos anciãos no contexto social, representada pela avó.

Na narrativa contracenam como protagonistas a avó e o neto que vivem numa aldeia que se encontrava na fase da colheita da produção. Nesse contexto, a avó sentiu-se impossibilitada de acompanhar o restante do grupo familiar no processo da colheita, o que levou o neto a oferecer-se para fazer companhia à avó, fato que teve a reprovação pelos demais, alegando que este devia ir aprender a trabalhar a terra. No entanto, uma vez no campo, ouviram-se vozes de júbilo vindas da direção da aldeia.

O acontecimento em alusão levou os demais a mandarem o neto para verificar o que estava a suceder. Chegando a casa, o menino encontrou a avó junto ao poço, sentada na berma elevada que protegia a entrada da escavação de onde retiravam a água. O menino inquiriu a avó sobre as vozes e ela respondeu que não havia nada por ali. O fato sucedeu-se no dia seguinte e o menino foi enviado novamente. Diferente do dia anterior, a avó decidiu contar ao neto sobre o ministério que estava a acontecer. Todavia, pediu que ele mantivesse em segredo, posto que ela pudesse ser condenada como feiticeira e poderiam tirar-lhe a vida.

O dilema do segredo e do castigo do conto original, com a morte da idosa, foi reorganizado por Mia Couto (2018, p. 27), como ele próprio explicita:

[...] pareceu-me que esta história se enquadra na crença generalizada sociedades rurais que as mulheres viúvas e velhas se convertem em feiticeiras. É esta razão que leva a mulher idosa a ser morta, no final de história. Estes valores devem ser questionados hoje e é necessário reconverter esta história alterando o seu desfecho. Isto do ponto de vista da ética que o

conto sugere.

Todos os títulos da Coleção, como *O Pátio das sombras* (COUTO, 2018), trazem para o cenário da Literatura um novo olhar para o conto, que circulava tradicionalmente pela oralidade, com características próprias no que se refere ao tom moralista e exemplar. De acordo com Silva (2012, p. 29), o reconto:

Aberto a inúmeras possibilidades de paráfrase, paródia e atualização, o universo dos recontos é amplo, como se vê. Se nas sessões noturnas de contação de histórias a palavra do contador popular mantinha a plateia cativa, presa ao sortilégio o encantamento ou do medo, na leitura dos recontos literários isso não é diferente, o leitor continua a manipular as emoções do leitor. (SILVA, 2012, p. 29).

Embora algumas vezes essa prática da releitura do conto e sua versão atualizada para a contemporaneidade seja questionada por alguns estudiosos, visto que “pertencem ao grande patrimônio cultural da humanidade” (SILVA, 2012, p. 30), ela tem sido uma prática constante nas narrativas para infância, em particular, nos contos europeus. No caso da Coleção “Contos de Moçambique”, a escolha é justificada por cada autor.

As ilustrações do mestre Malangatana Ngwenya, na sutileza que caracteriza o seu trabalho, dão vida e cor ao mundo imaginário tecido pelas palavras de Mia Couto (2018), usando como recurso as páginas coloridas, incluindo a capa, cada uma com a sua cor singular, que torna o livro mais atrativo e, conseqüentemente, mais agradável a sua leitura.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. *O gato e o escuro*. Ilustração de Marilda Castanha. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008a.

COUTO, Mia. *O beijo da palavrinha*. Ilustração de Malangatana Ngwenya. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008b.

COUTO, Mia. *O menino no Sapatinho*. Ilustração de Danuta Wojciechowska. Lisboa: Caminho, 2013.

COUTO, Mia. *A água e a água*. Ilustração de Danuta Wojciechowska. Lisboa: Caminho, 2018.

COUTO, Mia. *O pátio das sombras*. Ilustração de Malangatana Ngwenya. Maputo: Escola Portuguesa de Moçambique, 2018.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Sobre contos e recontos (nos 200 anos de Kinder-und Hausmarchen, dos Irmãos Grimm, 1812-2012). In: AGUIAR, Vera T. De; MARTHA, Alice Penteado (org.). *Conto e reconto: das fontes à invenção*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ENTRE O QUE TEMOS E O QUE SOMOS: *TENTA* DE PAULINA CHIZIANE

Zâmbia Osório dos Santos

Tenta, de Paulina Chiziane (2018) tem como ilustração as telas de Samora Délcio e projeto gráfico de Iris Amâncio e Ricardo Riso, publicado pela Editora Nandyala, em 2018. Com 12 páginas, com dimensões de 23 centímetros por 19 centímetros, que privilegiam as ilustrações em páginas alternadas de textos. A escolha gráfica de ter cada verso do poema grafado em uma fonte diferente imprime ritmo na leitura.

Essa publicação, realizada pela editora Nandyala, expressa a interação entre projeto gráfico e projeto político, como explicitam no site da editora:

O conceito estético das nossas publicações [...] Cada detalhe do design de capa e composição gráfica é fruto de criteriosa pesquisa étnica e intercultural, junto com o olhar atento ao que é maravilhosamente produzido por alguns artistas, cujas produções dialogam com as raízes e matrizes estéticas africanas e afrodescendentes. (NANDYALA, [2021]).

Nandyala promove, então, a materialização de qualidades da linguagem literária (MENEGAZZI; DEBUS, 2020) ao mesmo tempo em que partilha saberes de diferentes povos africanos e afrodescendentes. Não por acaso, *Tenta* (2018) é o título inicial da coleção “Mulheres negras escrevem para meninas e meninos de todas as idades”.

Paulina Chiziane, autora do poema que se tornou livro, é moçambicana, nascida em Manjacaze, Gaza, em 4 de junho de 1955. Quando questionada sobre como a Literatura surge em sua vida, responde que:

[...] eu acho que sempre existiu a escritora, a minha natureza tem a ver com isso. Eu gosto de viver em grupo, mas também gosto de viver sozinha, desde pequena. Durante o dia, às vezes participava nas brincadeiras dos outros, mas eu sempre fui da noite. Todos dormem, eu fico lendo um livro, fico ouvindo música e, sempre gostei de ser assim. Mesmo com o trabalho de casa: engomar a roupa, esfregar, eu sempre fazia o trabalho a noite. E gosto de estar com muita gente, mas estou sempre só. Isso me permite observar, e quando chega a noite pra lembrar tudo o que observei, comecei a fazer notas bem pequenina, e fui andando. (CHIZIANE, 2017, p.54).

É essa observação da experiência humana que transborda em *Tenta* (2018) e é capturada pelas ilustrações, a cargo do artista plástico, Samora Délcio, brasileiro nascido em Mantena, cidade de Minas Gerais. Com formação pela Escola Guignard de Belas Artes (UEMG), ele relata ter encontrado o gosto pelo mundo das artes na infância: “A arte você nasce com ela! Mas comecei mesmo a pintar por volta de 2004, e de forma autodidata. A pintura apareceu de dentro pra fora, e posso dizer que faço isto com a alma, com o coração” (SAMORA..., 2018).

A beleza do mundo é apresentada nos versos e convida-nos a perceber que não temos propriedade sobre a natureza, os sentimentos e as pessoas. A exploração de recursos naturais e divisão desigual das riquezas do mundo ou as relações interpessoais, elementos do macro e do microcosmo bailam nas páginas e, em um tempo em que ter é simbolicamente valorizado, a poética de *Tenta* provocam a reflexão sobre o que somos, ou quem somos.

REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. Entrevista com a Escritora Paulina Chiziane. Entrevistadora Cíntia Kütter. *Diadorim*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 53-62, 2017

CHIZIANE, Paulina. *Tenta*. Ilustração de Samora Délcio. Belo

Horizonte: Nandyala, 2018.

MENEGAZZI, Douglas; DEBUS, Eliane. O design do livro de Literatura para a infância: uma investigação do livro ilustrado contemporâneo. DEBUS, Eliane; SPENGLER, Maria Laura P.; GONÇALVES, Fernanda (org.). *Livro objeto: e suas (arti-e)manhas de construção*. Curitiba: Mercado Livros, 2020. p.15-50.

NANDYALA. Todo mundo ama os posts da NANDYALA! *Nadyala*, Belo Horizonte, [2021]. Disponível em: <http://nandyalalivros.com.br/todo-mundo-ama-os-posts-da-nandyala/>. Acesso em: mar. 2021.

SAMORA Délcio Abrilhanta 'Otto Cirne'. *Associação Médica de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://ammg.org.br/otto-cirne/samora-delcio-abrilhanta-otto-cirne/>. Acesso em: out. 2021.

KANOVA E O SEGREDO DA CAVEIRA, UMA RELEITURA DA TRADIÇÃO

Milena Batista Bráz

Waleska Regina Becker Coelho De Franceschi

Eliane Debus

O livro *Kanova e o segredo da Caveira*, escrito por Pedro Pereira Lopes (2017), com ilustrações de Walter Zand, foi publicado pela Escola Portuguesa de Moçambique e a *Fundació Contes pel Món*, de Barcelona, com objetivo de publicizar as narrativas da tradição oral que circulam na sociedade moçambicana, compondo o conjunto de 10 títulos da Coleção denominada “Contos de Moçambique”. No Brasil, a Editora Kapulana publicou o título em 2017.

O livro mede 21 centímetros de largura por 21 centímetros de altura e possui 32 páginas. No Brasil, o formato é de brochura, as ilustrações com imagens abstratas e cores quentes provocam um interessante jogo que ilumina os dizeres da narrativa. O papel utilizado na capa, apesar de maleável, é resistente, diferente do miolo que tem um papel com menor gramatura. Como paratexto, além da biografia do escritor e do ilustrador, é apresentado um glossário, que traz algumas palavras e expressões que foram destacadas durante da história: “mambo” (rei, chefe), “Mopeia” (um distrito de Zambézia, em Moçambique), “azagaia” (uma lança curta), “cavaqueira” (conversa leve, demorada), “chorrilho de disparates” (monte de besteiras). A editora brasileira teve a intenção de manter essas palavras e expressões, a fim de preservar a essência da história e mostrar para as crianças as expressões usadas no continente africano, especialmente, em Moçambique. Encontra-se, ainda, uma breve explicação da técnica de pintura digital do desenho feito a mão e valoriza a beleza e a qualidade da obra.

O escritor Pedro Pereira Lopes nasceu em Moçambique, em 1987, no distrito de Zambézia. Publicou cinco títulos no país, sendo quatro para infância e juventude, como *O homem dos 7 cabelos* (2012), *Kanova e o segredo da caveira* (2013), *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* (2012), *A história do João Gala-Gala* (2017); e, para o público adulto, *O mundo que iremos gaguejar de cor* (2017). Dois livros para infância foram editados no Brasil, a saber: *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* (2014), *Kanova e o segredo da caveira* (2017), ambos pela Editora Kapulana.

O ilustrador Walter Zand nasceu na capital de Moçambique, Maputo, em 1978, estudou cerâmica na Escola Nacional de Artes e se licenciou em Design de Equipamento no Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC). Já ilustrou diversos livros infantis e conta com várias exposições individuais e coletivas em Moçambique e em outros países. Além disso, recebeu diversos prêmios na área da arte.

Kanova e o segredo da Caveira é uma adaptação de uma lenda de Moçambique. O conto começa com a inquietação do *mambo* de Mopeia, que estava incomodado com o fato de suas coroas estarem fora de moda e gastas. Sendo assim, ele pede aos alfaiates e artesãos da corte que criem uma nova coroa, porém, nenhuma o agrada. Com isso, *mambo* ordena que todas as crianças acima de 10 anos partam em busca de artefatos preciosos para sua nova coroa, pois seus homens adultos estavam ocupados com as campanhas militares.

É nesse momento que conhecemos o personagem principal Kanova, um menino entediado que sai em busca de artefatos. Em certo momento, ele encontra na beira de um rio uma caveira e começa a conversar com ela, que o surpreende respondendo. A caveira, porém, avisa-o para não contar a ninguém sobre esse fato, pois não iriam acreditar e o menino seria punido assim como ela.

Depois de achar artigos tão preciosos para a coroa do *mambo*, a ponto de lhe oferecerem uma festa, é perguntado a Kanova como foi a sua busca. O menino, na empolgação, acaba contando sobre a caveira.

Contudo, a reação das pessoas da corte e do *mambo* não foi a esperada. Eles riram, duvidaram e fizeram apostas. O mambo, em sua arrogância, apostou seu trono. Posto isso, a caveira, de início, não falou em frente das pessoas, com isso, Kanova foi condenado à morte por zombar do *mambo*. Na hora mais crítica, da execução menino, a caveira falou, surpreendendo a todos, principalmente, ao *mambo*, que teve de honrar a sua palavra e ceder o seu trono.

No conto original, Kanova recebe o castigo por descumprir a promessa, na releitura de Lopes, isso não acontece:

O conto convoca, inusitadamente, o rompimento com a permanência dos aspectos moralistas que o envolvem, quebrando as possíveis expectativas do leitor com uma visão unilateral. No conto que sustenta a releitura, o medo é evocado a todo instante e é por meio dele que a obediência cega se justifica. Na releitura de Lopes (2017), outra possibilidade de driblar o discurso autoritário se efetiva. (DEBUS, 2018).

A narrativa convoca o leitor brasileiro a se aproximar das narrativas da tradição oral moçambicana e a relê-la pela lente da contemporaneidade, não mais como exemplaridade, mas pelo viés da linguagem estética.

REFERÊNCIAS

DEBUS, Eliane. Para além de três continentes: a Literatura para infância do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes. *Cátedra Digital*, Rio de Janeiro, n. 4, 2018.

LOPES, Pedro Pereira. *Kanova e o segredo da caveira*. Ilustração de Walter Zand. São Paulo: Kapulana, 2017.

WAZI, DE MENINO CAÇADOR A XITUKULUMUKHÚMBA

Milena Batista Bráz

Eliane Debus

Tatiana Valentin Mina Bernardes

A Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (BRASIL, 2004), a Lei nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008) e outros documentos de implementação das referidas leis têm como meta ações afirmativas que tragam para a convivência, em particular no espaço escolar, a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Desse modo, desde 2003, constata-se um aumento significativo de títulos para infância no mercado editorial brasileiro a partir de, segundo Debus (2017, p. 37):

[...] a partir da necessidade de livros que tematizem e problematizem as relações étnico-raciais, por meio da representação de personagens negras como protagonistas e narrativas que focalizem o continente africano como múltiplo; desfazendo ideias enraizadas como aquelas que trazem as personagens negras em papéis de submissão e/ou retratando o período escravista, bem como a representação do continente africano pelo viés do exótico.

No conjunto de títulos que circulam, três categorias se destacam: 1) Literatura que tematiza a cultura Africana e Afro-brasileira; 2) Literatura Afro-brasileira; e 3) Literaturas Africanas. Para esta resenha, detemo-nos em um livro da terceira categoria: *Wazi*, de Rogério Manjate (2017) e ilustrações de Celestino Mudaulane. A obra é o sexto título da Coleção “Contos de Moçambique” composta por 10 volumes que recontam histórias da tradição oral de Moçambique, de

autoria de escritores e ilustradores do país. A coletânea é construída por histórias tradicionais recontadas com narrativas que revelam a pluralidade e a diversidade cultural do país, permitindo o conhecimento e a ampliação do repertório acerca da multiplicidade do universo moçambicano. A coleção nasce de um projeto desenvolvido em parceria com a Escola Portuguesa de Moçambique, localizada em Maputo, e a *Fundació Contes pel Món*, de Barcelona, da Espanha. Publicado originalmente em Moçambique no ano de 2011, recebe edição brasileira pela chancela da Editora Kapula (SP), em 2017.

O livro impresso, com medidas de 21 centímetros de altura por 21 centímetros de largura, contém 32 páginas. Em Moçambique, possui dois formatos impressos: capa dura e brochura; no Brasil, a edição é em brochura. Como paratexto, encontram-se a biografia do escritor, do ilustrador, da técnica em nanquim utilizada nas ilustrações que compõem a narrativa, assim como um breve comentário do escritor, que expõe sua experiência de leitura sobre o texto fonte (narrativa original) e compartilha a explicação do motivo da escolha de uma história tradicional para trabalhá-la como uma releitura, preservando ou alterando algum aspecto presente no texto de partida. Ademais, o livro apresenta ao leitor, além da nova versão, o conto na sua forma original. Traz também um glossário denominado “Curiosidade”, que destaca as palavras e expressões da cultura moçambicana como forma de não causar estranhamento na cultura de chegada. Na quarta capa, é divulgado o projeto que deu origem a realização da coletânea.

O autor nasceu em 1972, na cidade de Lourenço Marques, capital de Moçambique, que logo, em 1975, passaria a se chamar de Maputo, ou seja, viu seu país se tornar independente, passar por uma guerra civil e se reconstruir. É professor e diretor do Curso de Teatro da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Na área do cinema recebeu prêmios com o curta-metragem de ficção *I love you*, em 2007, e os documentários *O marido está a negar*, em 2007, e *Quitupo Hoyê!*, em 2015. Como escritor, publicou os livros:

Amor Silvestre, em 2002; *Casa em flor*, em 2004; *O coelho que fugiu da história*, publicado no Brasil em 2010 e em Moçambique no ano de 2019; *Cicatriz encarnada*, em 2017. Recebeu vários prêmios literários, entre eles: Prêmio Literário Telecomunicações de Moçambique (TDM), na categoria Contos, em 2001; Prêmio União Latina do Concurso Literário Guimarães Rosa/RFI, em 2002; Prêmio de Literatura para Crianças do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, em 2002; Prêmio 10 de Novembro de Poesia, em 2005.

O ilustrador Celestino Mudaulane nasceu no mesmo ano e no mesmo espaço geográfico que Manjate. Atua como professor desde 1993 na Escola de Artes Visuais de Moçambique nas disciplinas de Cerâmica e Desenho. Foi docente do primeiro curso de Educação Visual no Centro Cultural de Matalana. É membro fundador do Movimento de Arte Contemporânea de Moçambique e, atualmente, é do Núcleo de Arte. Dos prêmios concedidos, destacam-se: 1º Prêmio de Cerâmica na Exposição Anual do Museu Nacional de Arte, em 1999; Prêmio Fundac Alberto Chissano, em 2002; 1º Prêmio de Cerâmica na Bienal Telecomunicações de Moçambique (TDM), em 2003; 2º Prêmio de Cerâmica na Bienal TDM, em 2005.

No livro *Wazi*, Rogério Manjate (2017, p. 38) faz a releitura de um conto da tradição que foi ouvido por ele “[...] pela primeira vez no saudoso programa de contos tradicionais Nkaringanawa Nkaringana, da rádio Moçambique, nos anos de 70 e 80”. De geração a geração, mantém-se a tradição, é assim que podemos dar início à síntese do livro *Wazi*, que constrói a história de Jhapondo e de seu neto Wazi.

Jhapondo é filho de uma geração de caçadores. Um caçador bem conhecido da região em que vive e não esconde pra ninguém o desejo de preservar a tradição: “O clã de caçadores” espraiando sua esperança de continuidade nos nove filhos e 20 netos. No entanto, para sua decepção, nenhum deles mostra interesse em assegurar a tradição, com exceção de Wazi, que o surpreende ao revelar que irá seguir os seus passos de caçador.

Feliz com a escolha do neto, Jhapondo ensina todos os saberes necessários e revela os segredos da caça, da floresta e dos animais para que possa empreender nessa caminhada e manter viva a tradição familiar. Com a morte de Jhapondo, Wazi dá continuidade à prática do costume da caça. Dos ensinamentos do avô, existe aquele de, ao ir à caça, não comer os frutos das árvores do lado direito do caminho. Seduzido por tais frutos ou pela dúvida renitente de qual seria o lado (esquerdo ou direito), o jovem, sempre com seu cachorro Paciente, vê-se aprisionado em uma árvore e descobre que ouve o seu cão, que lhe fala com a voz do avô, e condiciona a sua salvação a proteção do segredo de que ouve os animais: “A partir de hoje, passarás a entender a fala de todos os animais da terra, da água e do ar. Se fores descoberto ou contares a alguém, morrerás imediatamente” (MANJATE, 2017, p. 17). A proximidade com o mundo da natureza e a sua ausculta faz com que Wazi revele o seu segredo.

No entanto, como prometido pelo presságio, o seu fim, diferente da tradição, reaparece na escrita de Manjate (2017, p. 35) de um modo sensível:

Wazi chegou ao coração da floresta que, de tão densa, tem a fama de abrigar o xitukulumukhumba, bicho de um só olho, dentes enormes e com uma pança capaz de engolir uma aldeia inteira. Atraído pelas vozes dos animais que vagueavam noite e dia, desapareceu. Foi engolido pela floresta. Nunca mais foi visto. Apagou-se.

Há quem acredite que ele se transformou num animal.

A história que se conta hoje na aldeia é que Wazi foi chamado pelo xitukulumukhumba. Este estava velho e precisava de substituto.

Wazi virou xitukulumukhumba?!

A narrativa de tradição oral em que o jovem personagem pela sua desobediência é castigado com a morte, aqui é rearranjada numa construção que valoriza a natureza e o contato com ela, o “castigo” de Wazi se torna reconforto, pois ele adentra a floresta e transforma-se

em seu guardião, metamorfoseando-se, quiçá, em xitukulumukhúmba.

A tradição das narrativas orais contadas de geração em geração, com suas implicações de salvaguardar os saberes ancestrais. No caso do livro em tela, a figura do ancião Jhapondo, não se desfaz, mas ganha um novo viés comprometido com os princípios contemporâneos de preservação da natureza (flora/fauna/humana).

Celestino Mundaulane coloca em cena a proposta de pinceladas com nanquim e o resultado é um trabalho delicado, rico e detalhado de imagens em preto e branco. Algumas palavras ganham outra tonalidade de cor (azul) com a intenção de diferenciá-las das outras (preto e branco), destacando as palavras novidadeiras (que possam causar estranhamento no leitor) que tem suas explicações em forma de paratexto.

A estratégia editorial de trazer a releitura e, posteriormente, o conto em sua versão tradicional faz com que o leitor compare e possa avaliar as aproximações, afastamentos e, por consequência, a sua validade ou não.

A inserção de narrativas que trazem a pluralidade cultural do continente africano é de fundamental importância para ampliar o repertório de educadores e das crianças, por isso, a leitura da narrativa *Wazi* e outros livros da coleção “Contos de Moçambique” se faz imprescindível.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 8 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF: MEC, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 4 ago. 2020.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura Africana e Afro-brasileira na Literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2017.

MANJATE, Rogério. *Wazi*. Ilustração de Celestino Mudaulane. São Paulo: Kapulana, 2017.

A JORNADA DE INAYA NA BUSCA PELOS SEUS IRMÃOS⁷

Zâmbia Osório dos Santos

Milena Batista Bráz

Eliane Debus

O livro *A viagem*, de Tatiana Pinto (2016), com ilustrações de Luís Cardoso a partir de artesanato desenvolvido por Tomás Muchanga, é o terceiro título da coleção “Contos de Moçambique”, composta por 10 volumes que recontam histórias da tradição oral de Moçambique, realizadas por escritores e ilustradores do país. A coleção é um projeto da Escola Portuguesa de Moçambique, localizada em Maputo, em parceria com a *Fundació Contes pel Món*, de Barcelona, da Espanha, publicado originalmente em Moçambique no ano de 2012. No Brasil, foi publicado pela chancela da Editora Kapulana (SP), em 2016.

Estruturalmente, o livro tem medidas de 21 centímetros de altura por 21 centímetros de largura e contém 32 páginas. Em Moçambique, possui dois formatos impressos em capa dura e brochura; no Brasil, a edição é em brochura. Os paratextos que compõem o livro buscam situar as autorias: biografia do escritor, ilustrador e do artesão; um texto apresentando as técnicas utilizadas para composição das ilustrações (passo a passo); breves palavras da escritora sobre a origem do conto recolhido nos finais do século XIX. Aliás, a obra traz ao leitor além da nova versão, o conto na sua forma original; há também uma página que se configura como um glossário, mas sem essa titulação, sobre as comidas locais referidas no texto. Na quarta capa, são

7 Resenha publicada em: SANTOS, Zâmbia Osório dos; DEBUS, Eliane Santana Santana Dias; BRÁZ, Milena Batista. A jornada de Inaya na busca pelos seus irmãos. *Letras em Revista*, [S.l.], v. 11, n. 2, abr. 2021. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/352>. Acesso em: 6 dez. 2021.

indicadas informações sobre o projeto que deu origem a realização da coletânea.

Dos 10 títulos, esse é o único de autoria feminina. A jovem Tatiana Pinto, nascida em Zambézia (Moçambique), imprime na narrativa a sobreposição, intencional ou não, de camadas para cada ação e fala das personagens. O que é contado carrega sentidos que escorrem das páginas e nos provocam a pensar sobre as interações sociais e os padrões que se estabelecem nas construções e desconstruções de gênero em nossa sociedade, no caso do Brasil.

A narrativa *A viagem* tem como matriz um conto de origem Ronga, em Moçambique, recolhido, como já explicitado no século XIX, e recontado por Tatiana. Isso poderia nos levar a crer na atualização cultural, mas tanto na narrativa daquela época, apresentada ao final do livro, quanto na história recriada, o protagonismo da personagem feminina Inaya está presente. A história é fruto do levantamento de contos tradicionais africanos de transmissão oral, um movimento realizado pelo missionário suíço Henry Junod, que, numa tentativa de compor uma unidade baseada na língua e em certos costumes comuns a todos os povos, elaborou obras abordando o modo de vida Ronga, que o fez, deliberadamente ou não, usando modelos da sociedade no momento (MAHUMANE, 2007).

A Viagem é movida por um acontecimento: os dois filhos homens de Masud e Wimbo decidem viajar para terras distantes, na cidade do jogo, com fins de obter riquezas para não precisar mais trabalhar em suas vidas. Agot e Mbuio partem rumo a Kuro-Kuro, numa viagem incerta. Muito tempo se passa sem que retornem, assim, a irmã Inaya decide ir atrás deles. Apesar de desencorajada por seu pai, que diz “Para essa terra não vão raparigas! Vais ser morta!” (PINTO, 2016, p. 11), insiste e recebe a anuência dos genitores. Na partida sua mãe, Wimbo, encoraja a filha, lembra-a da proteção de seus ancestrais e despede-se dizendo: “Sei que és capaz e que nada te aterroriza! És forte e vais continuar a ser forte” (PINTO, 2016, p. 12). Durante sua viagem,

Inaya depara-se com três mulheres de idades distintas e que solicitam ajuda em suas tarefas e necessidades; ajudá-las significaria aumentar o tempo de sua viagem e, em alguns momentos, deixá-la exausta. A personagem despende tempo ajudando a “[...] senhora, curvada pelo peso da idade” (PINTO, 2016, p. 13) a se lavar e cuidar-se, como também assiste a “senhora de meia-idade, não muito velha, mas também não muito nova” a pilar todo o milho de seu celeiro, e auxilia “uma jovem alta, formosa” a preparar a xima – alimento feito da farinha do milho ou, dependendo da região, feita da farinha de mapira (PINTO, 2016, p. 14).

Cada uma das mulheres agradece Inaya, oferecendo algo que julgam ser útil: sementes, um gato e, por fim, roupas que lhe conferem a aparência de um jovem rapaz. Chegando à cidade de Kuro-Kuro, vestida com as roupas que ganhara, é testada pela população, que desconfiava de sua identidade: seria homem ou mulher? Nesse momento, o gato que ganhara ajuda a contornar a situação. Após esse percalço, lembra-se das sementes recebidas e percebe que são de grande valia, tornando-se, então, “chefe daquela terra” (PINTO, 2016, p. 18). Ali vivendo, acumula riquezas e viaja pelas terras, sempre sem perder de vista a tarefa de encontrar Agot e Mbuio, o que ocorre certo tempo depois: ambos viviam como escravizados nessa terra. No seu reencontro com os irmãos, Inaya descobre que, durante a viagem deles, depararam-se com as três senhoras, mas decidiram não as ajudar, por incômodo, pressa ou por pensaram que “Algum dia se viu homens a cozinharem?” (PINTO, 2016, p. 21). Inaya estava muito feliz com o reencontro e planejou uma fuga com os irmãos, onde leva toda a riqueza que acumulou no tempo de “chefe da terra” (PINTO, 2016, p. 18). Durante a viagem de barco, Agot e Mbuio decidem que seria muito vergonhoso que a aldeia soubesse que eles haviam sido salvos pela irmã e que ela tinha conquistado as riquezas. Por isso, escolhem matá-la jogando-a no rio, assim poderiam contar a história de forma que lhes favorecesse.

Todavia, Inaya é salva dessa desventura e no reencontro com as três senhoras que conheceu na sua viagem rumo a Kuro-Kuro recebe ajuda para encontrar o caminho de casa. Chegando lá, conta a seu pai a história de tudo o que realmente tinha se passado. Assim, Masud, com a ajuda do chefe da aldeia, decidem amaldiçoar Agot e Mbuio pela “mentira e covardia contra a própria irmã” (PINTO, 2016, p. 26). Ela fica desolada e é consolada pela mãe, Wimbo, que, entre lágrimas, diz: “[...] fizeste tudo o que pudeste. Percorreste floresta, venceste desafios, salvaste os teus irmãos.... Eles é que se perderam. E aqui estás, com vida e junto a mim! Bem-vinda a casa, minha filha” (PINTO, 2016, p. 26).

A história traz os temas de tradição e a transformação na figura da filha Inaya, na personagem que questiona a organização de sua comunidade e, com suas ações, mostra que “[...] não existia nenhuma barreira entre os trabalhos dos homens e das mulheres” (PINTO, 2016). Tradição que não pode ser encarada como sinônimo de práticas estáticas. Em geral, tradição e transformação são apresentadas como antagônicas.

Ao ler *A viagem*, deslocamos pensamentos, de forma a não incorrer em binarismos sobre modernidade e tradição, o que é popular e culto, de maneira a refletir que as questões de gênero precisam adentrar o espaço de sociedades moçambicanas, como a da cultura Ronga. Um alerta feito por Oyèrónké Oyèwùmí (2004, p. 2) sobre como as experiências das mulheres têm sido interpretadas:

Pesquisadoras feministas usam gênero como o modelo explicativo para compreender a subordinação e opressão das mulheres em todo o mundo. De uma só vez, elas assumem tanto a categoria “mulher” e sua subordinação como universais. Mas gênero é antes de tudo uma construção sociocultural. Como ponto de partida da investigação, não podemos tomar como dado o que de fato precisamos investigar.

Esse olhar pode ser um movimento de colonizar os corpos e as existências com teorizações e organizações que não lhes pertencem e, em alguma medida, inviabilizar as relações muito dinâmicas e complexas. Isso ocorre, por exemplo, com a mãe de Inaya, Wimbo, que não altera a relação de divisão de tarefas da aldeia e, apesar disso – ou não, de forma contraditória, mais contida nessa interação –, tem espaço de negociação e agencia as situações, exercendo a função de aconselhar, que tem uma importância discursiva legitimada nas relações familiares. Essa percepção dialoga com a proposição de Oyěwùmí (2004) quando argumenta sobre o conceito de gênero ser enraizado a partir da configuração de família nuclear, uma instituição social com arranjos que não são globais.

O povo que convencionou chamar de Ronga teve seu período formativo durante os séculos XVI e XVII, no entorno da região do que hoje seria o sul de Moçambique, num território de disputas existentes pela ocupação de melhores terras ou das rotas de comércio, um comércio relativamente intenso que se realizava a partir das baías de Lourenço Marques e Inhambane (MAHUMANE, 2007). Essas informações corroboram com o que buscamos aqui destacar: nenhum espaço, cultura ou sociedade é um bloco monolítico e estático.

REFERÊNCIAS

MAHUMANE, Paulo Albino. *Somos uma identidade própria: percorrendo as trilhas de uma identidade tsonga criada: as múltiplas identificações no contexto urbano do bairro Luís Cabral em Maputo*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *CODESRIA Gender Series*, Dakar, v. 1, 2004.

PINTO, Tatiana. *A viagem*. Ilustração de Luís Cardoso. São Paulo: Kapulana, 2016.

A ORIGEM DA MENTIRA NO MUNDO

Fernanda Costa e Souza

Milena Batista Bráz

Eliane Debus

O livro *O Rei Mocho*, escrito por Ungulani Ba Ka Khosa (2016) e ilustrado por Americo Amos Mavale, faz parte do projeto da Escola Portuguesa de Moçambique (Maputo) e a *Fundació Contes pel Món*, de Barcelona, Espanha. No Brasil, é integrante da série de 10 títulos da Coleção “Contos de Moçambique”, editada pela Editora Kapulana, que versam sobre a tradição moçambicana, com a intenção de apresentar ao leitor brasileiro uma amostra da cultura desse país africano. Os livros que compõem a coleção têm o formato impresso medindo de 21 centímetros de largura por 21 centímetros de altura e contém 32 páginas; em Moçambique, possui dois formatos impressos: capa dura e brochura; no Brasil, a edição é em brochura.

O escritor UngulaniBa Ka Khosa pertence ao grupo étnico tsonga de Moçambique, seu nome de registro é Francisco Esaú Cossa, nascido em 1º de agosto de 1957, bacharel em história e geografia, atua como professor. Foi Diretor do Instituto Nacional do Livro e do Disco e Diretor Adjunto do Instituto Nacional de Cinema e Audiovisual, cronista de vários jornais, Secretário-Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) e Diretor do Instituto Nacional do Livro e do Disco (INLD). Possui várias publicações, é reconhecido e premiado dentro e fora de seu país, inclusive no Brasil, onde recebeu a Ordem de Rio Branco, Grau de Comendador (2018), por seus 30 anos de carreira literária.

As ilustrações do livro foram realizadas por Americo Amos Mavale, nascido em Maputo, dia 25 de abril de 1976. Ele fez uso da técnica de batique, que é um método artístico de pintura em tecido. É cofundador do Programa para o Desenvolvimento Social (PRODES) e já

expôs seu trabalho em diversas partes do mundo.

A narrativa *O Rei Mocho* é um diálogo entre pai e filho, onde o genitor tenta explicar como as mentiras e as desordens surgiram no mundo. O ambiente é o país natal do autor, o conto é apresentado de forma bem tradicional. Para contar a história ao seu filho, primeiramente, o pai pede autorização para mãe árvore, a protetora dos espíritos, e lhe dedica uma canção. Então, diz que tudo se passa nos tempos antigos, em época em que o mundo era pequeno, a mentira não havia sido “inventada” e animais e humanos conviviam em harmonia. Certo dia, os pássaros se viram desprotegidos e acharam importante escolher um pássaro de uma espécie para lhes representar, proteger das maldades dos tempos e, até mesmo, guiá-los em suas tarefas e funções. Nesse sentido, foram comunicar os humanos (raça de pés compridos) da decisão. Quando os pássaros informaram que o Mocho seria o representante, os humanos questionaram o motivo dessa escolha. Os pássaros disseram que ele teria sido escolhido por ter chifres.

O mandato do Mocho corria bem e, se tivessem algum problema, o rei sempre resolvia com parcimônia. Sua única exigência era que não tocassem em sua cabeça, sempre alegando que ela deveria estar livre para o comando, “[...] tratem das minhas penas. Mas não se aproximem da minha cabeça. Ela deve estar tranquila para as tarefas do mando” (KHOSA, 2016, p. 10). Essa precaução em manter os chifres intactos fazia parte de um segredo seu, mas isso estava causando estranhamento aos homens, apesar de os pássaros nunca colocarem a prova a verdade do Mocho, pelo contrário, sempre havia muita harmonia e respeito entre ambos.

O pai, então, conta ao filho que a curiosidade do homem causou desarmonia entre os pássaros. Os homens decidem desmascarar os mochos: os chifres só existiam na cabeça de mamíferos e não em aves. Assim, passaram as mãos humanas pelos tufo de cabelo dos mochos, e, em seguida, revelaram aos pássaros que os mochos eram

mentirosos, causando um rebuliço. Os pássaros ficaram revoltados e bicaram todos os mochos que viam pela frente, inclusive o rei, e suas penas até soltaram de tantas bicadas. Os mochos ainda tentaram acalmar o ânimo dos pássaros, tentando explicar-lhes que os tufo de penas eram seus chifres. Mas não adiantou. Desse modo, retiraram-se para sempre do convívio dos outros pássaros: “[...] é por causa desse ato, filho, que os pesadelos e as insônias são frequentes nos homens, quando os mochos, querendo a execução humana, se abeiram das casas e começam a piar pela noite adentro” (KHOSA, 2016, p. 14).

Khosa (2016) muito irreverente não se limita a lição que a narrativa original traz ao tratar dos valores morais da história. Sem perder a essência, ele traz um novo personagem ao reconto, o homem, que seria o causador dos problemas gerado na trama. O escritor não se restringe, vai além, ao problematizar outras questões que permeiam o que é ético, isto é, a verdade pra uma pessoa não necessariamente vai ser para outra. Diante disso, provoca o leitor a se questionar sobre quem estaria certo nessa história do *Rei Mocho*. O ilustrador Amos Mavale, com suas pinturas, acentua a dramaticidade da narrativa, através das cores e traços utilizados, realçando as características dos animais.

REFERÊNCIA

KHOSA, UngulaniBa Ka. *O rei Mocho*. Ilustração de Américo Americo Amos Mavale. São Paulo: Kapulana, 2016.

SOBRE AS/OS AUTORAS/ES



ANA KARINA CORRÊA HOELLER

Especialista em Artes na Educação Infantil pela Universidade Candido Mendes (2017) e em Design Instrucional para Educação a Distância (EaD) pelo IBDIN/FACEL (2013). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Gosta de criança, história e arte. Desde 2009 atua na Educação Infantil, sendo, atualmente, professora da Prefeitura Municipal de São José (SC). Atualmente, cursa o Mestrado em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina para conhecer novas histórias e novos olhares para a criança, a educação e a arte.



CAROLINE MACHADO

Doutora em Educação (PPGE/CED/UFSC). Pós-Doutora em Literatura e Infância (CIEC/IE/UMinho). Professora no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina (NDI/UFSC). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Infância, Literatura e Educação (NDI/UFSC/CNPq). Coordenadora do Projeto de Extensão Infância e Literatura: mediação de leitura literária e formação de leitores. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC) e do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e práticas de mediação literária (LITERALISE/UFSC). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil (0 a 3 anos), atuando, principalmente, nos seguintes temas: educação, infância e projeto pedagógico; Literatura, práticas de mediação literária e formação de leitores.



CLÁUDIA TELES

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Municipal de Palhoça (FMP), Mestrado em Serviço Social pela UFSC. Atualmente, é doutoranda no Programa de

Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).



ELIANE DEBUS

Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996). Atualmente, é professora da UFSC, atuando no Departamento de Metodologia de

Ensino, no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. É líder do LITERALISE: Grupo de pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e práticas de mediação literária/CNPq/UFSC.



ELIKA DA SILVA

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), linha de pesquisa Educação e Comunicação (ECO). Mestre em Educação PPGE/UFSC (2016). Professora na Prefeitura Municipal de

Educação de Florianópolis e atua com Tecnologia Educacional na sala informatizada. Integrante dos grupos de pesquisa Literalise e NICA, ambos da UFSC. Sua pesquisa busca fortalecer sua prática de ensino com as tecnologias digitais e a Literatura Infantil.



ETELEVINO MANUEL RAUL GUILA

Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado em Ensino de Português pela Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique. Docente da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, atuando na área de Didática e Estágio Supervisionado. É membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização (NEPALP), do Grupo De livros e leituras: a produção de Angelina Neves Ensino de Língua Portuguesa, do Conselho editorial do Boletim Abiodum e do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (LITERALISE).



FERNANDA SOUZA

Pedagoga, Graduada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade do Federal de Santa Catarina (UFSC), da linha de pesquisa Sujeito Projetos Educativos e Docência (SUPED). Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (LITERALISE/UFSC). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação das Relações Étnico-Raciais. Ministra oficinas sobre a “A estética afrodiáspórica: Cabelos e tranças” e faz intervenção com o projeto “Vista a Minha Pele”, de sua autoria, com a dinâmica “Sentindo na Pele”, adaptação da dinâmica “Olhos Azuis”, ambos visam combater o racismo existente na sociedade e promover a igualdade.



GABRIÉLA DOS SANTOS

Licenciada em Geografia e Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência como docente na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Desenvolve sua pesquisa na área da Literatura, com foco em temas polêmicos na Literatura Infantil.



KEILA CRISTINA ARRUDA VILLAMAYOR GONZALEZ

Nascida em Florianópolis, SC, Professora de educação infantil, graduada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, linha de pesquisa Educação e Infância, membro do grupo de pesquisa Literalise/UFSC. Atua como professora na rede municipal, professora do curso de pedagogia e pós-graduação em educação, como pesquisadora e com formação de docentes.



MARIA APARECIDA RITA MOREIRA

Mulher negra. Professora aposentada da Rede Pública Estadual de Santa Catarina. Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Presidenta da Associação de Educadoras/es Negra/os de Santa Catarina. Membro do Grupo de Pesquisas LITERALISE: Grupo de pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e práticas de mediação literária, da UFSC, e da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Pesquisadora de Literatura Negra, com interesse em Literatura Negra-brasileira e Literaturas Africanas de língua portuguesa e inglesa.



MARIA LAURA POZZOBON SPENGLER

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Pedagoga pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), com experiência docente na Educação Infantil, Anos Iniciais e Ensino Superior. Especialista em Gestão Escolar e Interdisciplinaridade, pela Faculdade de Joinville e em Psicopatologia da Infância e Adolescência pela Sociesc. Vice-líder do Grupo de Pesquisas LITERALISE: Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária, da UFSC. Atualmente é Professora do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).



MARIA PAULA CAVALCANTI CARVALHO

Graduada em Psicologia pela Universidade de Pernambuco (UPE/Garanhuns). Facilitadora dos Programas de Educação Emocional Positiva (EEP) e autora do livro infantil *Bela: a nuvem que fazia chover gratidão*. Pesquisadora dos grupos registrados no CNPQ: A Cultura da infância nas políticas e Práticas Pedagógicas na Educação Infantil (UPE) e Grupo Internacional de Pesquisa em Políticas, Práticas e Gestão da Educação (UPE).



MILENA BATISTA BRAZ

Nasceu em 20 de outubro de 1993, na cidade de Caravelas, capital da Bahia. É graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foi bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob o financiamento do CNPq em 2019/2020.



ROSILENE KOSCIANSKI DA SILVEIRA

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Contestado (UnC), campus Canoinhas. Mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio científico avançado no âmbito de Doutorado em Estudos da Criança na Universidade do Minho, Braga, Portugal. Participa dos grupos de pesquisa Literalise: Grupo de pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e práticas de mediação literária (UFSC) e do GIPPPGE: Grupo Internacional de Pesquisa em Políticas, Práticas e Gestão da Educação (UPE). Atua, principalmente, nos seguintes temas: didática, ensino-aprendizagem, escrita, autoria, poesia e pesquisa com criança. É professora aposentada na Rede Pública Estadual de Santa Catarina. Atuou no Ensino Superior na disciplina de Didática (nas Licenciaturas) e em outras disciplinas do Curso de Pedagogia (2018-2020) na UFSC.



SIMONI CONCEIÇÃO RODRIGUES CLAUDINO

Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Possui graduação em Pedagogia e Especialização em Educação Infantil. Mestra em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro do grupo de pesquisa LITERALISE e do grupo de teatro Trupe da Alegria.



SUELEN AMORIM FERREIRA

Natural do Rio de Janeiro, pedagoga pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atuou como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Pedagogia (UFSC) no núcleo de

Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER), com as temáticas Literatura, infância e relações étnico-raciais, e no grupo cênico-literário *Contarolando*, com contação de histórias afro-brasileiras e africanas. Atualmente, é Professora da Rede Municipal de Florianópolis.



TATIANA VALENTIN MINA BERNARDES

Doutoranda e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Graduação em Pedagogia pela mesma instituição. Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Professora efetiva de Educação Infantil desde 2002 pela Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Pesquisadora e membra do grupo LITERALISE, grupo de pesquisa da Literatura Infantil e Juvenil relacionada às práticas de mediação literária em Educação Básica e Superior, e do Alteritas: Diferença, Arte e Educação. Trabalhou como assessora pedagógica na Diretoria de Educação Infantil da RME de Florianópolis de 2013 a 2016. Atualmente, é assessora do Núcleo de Formação, Pesquisa e Assessoramento da Educação Infantil (NUFPAEI) da RME de Florianópolis, desenvolvendo formação continuada com os(as) professores(as) referente à Literatura Infantil e Literatura de temática das culturas Africanas e Afro-brasileira e Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) de 2018 a 2020.



WALESKA REGINA BECKER COELHO DE FRANCESCHI

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas, especialização em Alfabetização e

mestrado em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Participa do LITERALISE: Grupo de Pesquisa sobre Literatura Infantil e De livros e leituras: a produção de Angelina Neves Juvenil e do Conselho Editorial da Potlach Editora. É professora de Artes efetiva na Rede Pública Municipal de Florianópolis, pesquisadora e atriz.



ZÂMBIA OSÓRIO DOS SANTOS

Mulher negra. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (2020-2024). Professora de História com Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). Pesquisadora filiada à Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN). Educadora associada à Associação de Educadores Negras, negres e negros de Santa Catarina. Membro do grupo LITERALISE e do Alteritas: Diferença, Arte e Educação. Pesquisadora de entrelaçamentos entre Educação e Literatura com interesse em Literatura Afro-brasileira e Literaturas para Infância em Moçambique. Na área de História, trabalha com temas ligados à Educação das Relações Étnico-Raciais.

O livro *Para dar a conhecer as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa para infância publicadas no Brasil: resenhas* é composto por resenhas que fazem parte de um exercício de escrita das/os membras/os do “Literalise: Grupo de pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de mediação Literária” (UFSC/CNPq).

Encontram-se resenhados o total de 36 livros, sendo 18 de Angola, 16 de Moçambique, 1 de Cabo Verde e 1 de Guiné-Bissau.

ISBN: 978-65-85042-01-7

CD



9 786585 042017